

A NASALIZAÇÃO VOCÁLICA E FONOLOGIA INTRODUTÓRIA

A

LÍNGUA KATUKINA (PÁNO)

por

LUIZETE GUIMARÃES BARROS

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Luizete Guimarães Barros e aprovada pela Comissão julgadora em 15/10/87

Maria Bernadete Marques Abaurre
MARIA BERNADETE MARQUES ABAURRE
CAMPINAS

1987

B278n

8884/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

A Yaká,
filha do povo Katukína,
cuja meninice e lembrança
me acompanha desde o iní-
cio deste trabalho.

KATUKÍNA

Cotuca, menino, a tua sina
Cotuca, Katukína.
Quina das pontes malucas
de uma estrada inexistente.
Sina de gente biruta
que pensa que índio não é gente.
Afina na tua sinuca
e chuta a bola pra frente.

Katukína,
Yaká te imagina
feliz como tudo que há !
Há em ti, Katukína,
farinha e "manino⁷á".
Não deixe que tragam pra cá
o canto gonçalvesdiano
e não te permita exilar.

"Mayá", "Kapí", "Pananau⁷ê", "Yaká"
me ajudem nesta cantiga
a repetir "marirê"
a te bem-querer, e a não te estragar.

Julho/81

NOTA: Os termos entre aspas são da língua Katukína. Eles vêm escritos conforme convenção habitual de transcrição dos sons.

AGRADECIMENTOS

- à FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo nº 82/1623-1, que por meio de apoio financeiro possibilitou a realização desta pesquisa;
- aos funcionários da UNICAMP (secretários, bibliotecários, operadores de xérox, técnicos de laboratórios) que ofereceram infra-estrutura eficiente para o curso de Mestrado;
- à amiga Célia da S. Carvalho, pela dedicação e cuidado no trabalho de datilografia;
- aos professores da UNICAMP, Márcio Ferreira da Silva, Aryon Dall'Igna Rodrigues, Luís Carlos Cagliari, Daniel Everett, e da UFSC, Giles Lothar Istre, que trabalharam e discutiram comigo as opiniões aqui contidas;
- à minha orientadora, Profª Drª Maria Bernadete Marques Abaurre, pela sua orientação precisa; e, mais ainda, pela compreensão em relação às mudanças de minha vida pessoal;
- aos índios Katukína, das aldeias do rio Gregório e rio Campinas, cuja acolhida representou a decisão pela escolha do tema; e, em particular, aos informantes: Runá, Vinú, Pawá, Mayá, pela disposição ao trabalho que sustenta toda a pesquisa;
- a todas as pessoas que conhecemos nas viagens ao Acre, em particular a Gilvan Müller de Oliveira, Maria Sueli Aguiar e Helio Lemos Sôlha, que ofereceram dados para o enriquecimento deste material;
- aos colegas da UFSC, Ingeburg Dekker, Philippe Humblé, Bética Canitrot, Marta E. Zanatta, e Arturo Ugalde, que nos auxiliaram na tradução de textos; e Alai Garcia Diniz pela revisão do português;
- aos meus companheiros Péricles Cunha, Claudia Netto do Valle, José Balthazar Teixeira, Egon Rangel e M. Augusta C. Vieira Helene que trilham paralelamente comigo o mesmo curso;
- a todos meus amigos e familiares pelo apoio efetivo e afetivo que vai além dos limites deste trabalho.

RESUMO

Esta dissertação traz os resultados da análise fonológica segmental da língua Katukína (Páno). Esta análise segue os princípios metodológicos da fonêmica clássica.

O primeiro capítulo oferece informações gerais sobre a família lingüística Páno, o trabalho de campo, e as obras referentes à língua Katukína.

No segundo capítulo se inicia o estudo lingüístico do Katukína, e aí classificamos os sons vocálicos e consonantais da língua do ponto de vista de sua articulação. Os fonemas vocálicos e consonantais são tratados no terceiro capítulo. Nestes dois capítulos focalizamos, basicamente, as palavras de duas sílabas porque nos atemos a dados referentes a palavras isoladas.

Dedicamos um capítulo às palavras de três e quatro sílabas — o quarto — que trata conjuntamente a sílaba e o acento, com o objetivo de explicitar as posições tomadas quanto à classificação dos fonemas do Katukína.

O quinto capítulo investiga uma particularidade fônica — a nasalização vocálica — a níveis sintático e morfológico. Este capítulo trata da combinação de morfemas nominais e pessoais nas construções oracionais, na intenção de observar o papel da nasalização como índice de determinação do sujeito.

Autor: Luizete Guimarães Barros

Orientador: Maria Bernadete Marques Abaurre.

ÍNDICE

I — PRELIMINARES	1
NOTAS DO CAPÍTULO I	7
II — FONÉTICA	8
2.1 — SONS CONSONANTAIS	9
2.2 — SONS VOCÁLICOS	22
NOTAS DO CAPÍTULO II	27
III — FONOLOGIA	28
3.1 — FONEMAS CONSONANTAIS	29
3.2 — FONEMAS VOCÁLICOS	50
NOTAS DO CAPÍTULO III	65
IV — SÍLABA	66
4.1 — ACENTO	67
4.2 — SÍLABA	69
NOTAS DO CAPÍTULO IV	77
V — NASALIZAÇÃO VOCÁLICA	78
5.1 — NÍVEL MORFOFONÊMICO	79
5.2 — NÍVEL SINTÁTICO	84
NOTAS DO CAPÍTULO V	101
— CONCLUSÃO	103
— BIBLIOGRAFIA DAS OBRAS CITADAS	106
— BIBLIOGRAFIA GERAL	108
— ANEXO I	111
— ANEXO II	112

CAPÍTULO I

PRELIMINARES

PRELIMINARES

O presente trabalho trata da descrição inicial da língua indígena Katukína, da família lingüística Páno, e tem como objetivo contribuir para o conhecimento das línguas indígenas faladas no Brasil.

A língua Katukína é falada por cerca de duzentos índios que vivem em duas aldeias na região oriental do Acre, próxima ao Peru. A primeira aldeia, chamada de "Nova Olinda", se estende ao longo do quilômetro 60 da BR-364, próxima ao rio Campinas, e foi visitada por nós em janeiro de 1981. A segunda aldeia abrange as terras do seringal Sete Estrelas, às margens do rio Gregório, afluente à margem direita do rio Juruá, onde realizamos a maior parte desta pesquisa de setembro a dezembro de 1982. Esta pesquisa se baseia inteiramente nos dados coletados em trabalho de campo realizado durante estas duas viagens (ver MAPA I — ANEXO I).

Importa especificar nosso objeto de estudo como a língua falada nas duas aldeias Katukína referidas anteriormente, porque é grande a confusão de nomes dos povos indígenas que habitam as bacias do rio Juruá e do rio Purus. Existe outra aldeia conhecida como Katukína no estado do Acre, situada nas margens do rio Envira, junto à cidade de Feijó. Os índios que visitamos informaram-nos que eles não entendem a língua dos índios de Feijó.

A imprecisão de nomes não se restringe aos Katukína. Também com "Kaxinawá" existe uma indefinição deste tipo. Conhecemos, por exemplo, uma dentre as várias aldeias do Acre chamadas Kaxinawá, vizinha da aldeia Katukína do Gregório. Os índios desta aldeia se dizem na verdade Yawanawá, mas como habitam o seringal Caxinaudá, das cabeceiras do Gregório, são mais conhecidos por este nome. D. Ribeiro (1982:43-44) explica a inadequação dos nomes pela superficialidade do contato entre índios e brancos que remonta à época da exploração da borracha⁽¹⁾.

P.Rivet (1920:83-84)⁽²⁾ declara que "katukina" é uma denominação genérica utilizada para definir povos diferentes que têm costumes semelhantes. Ele atribui uma possível origem Tupí ao termo "katukina", composta pelos morfemas: katu- 'bom' + -kena 'sufixo de pluralidade', que se traduz pela expressão "os bons". Neste artigo, Rivet distingue cinco tribos que falam línguas confundidas sob o mesmo nome. Essas tribos ou falam línguas de famílias lingüísticas diferentes — Guaraní, Araúk, Páno — ou falam línguas aparentadas ao kanamarí do rio Jurúá⁽³⁾, ou ao katawichi do rio Tefé. A lista de palavras referentes ao que ele classifica como língua da família lingüística Páno, chamada de "katukina do Gregório", coincide, em grande número, com nossos dados.

A classificação de Loukotka de 1944, apresentada por d'Ans (1970:15), traz uma língua denominada "wanináua" como sendo a língua falada pelos "katokina do Gregório". Já a classificação de Rivet e Loukotka de 1952, mencionada por d'Ans (1970:17), subdivide o grupo "katukina" em três: do rio Jaquirana, do rio Gregório, e do Alto-Tarauacá. Eles identificam a língua falada pelos "katukina do Gregório" como sendo a mistura de três línguas: wani-nawa, kama-nawa, nai-nawa.

A.Rodrigues, em sua classificação das línguas indígenas do Brasil apresentada por J.C.Melatti (1981:34-37), aponta a família Páno como família lingüística ainda não classificada em tronco. No artigo publicado em 1984, A.Rodrigues cita doze línguas da família lingüística Páno faladas no Brasil: Kaxinawá, Nukuiní, Poyanáwa, Amawáka, Karipúna (de Rondônia), Jamináwa, Katukína (do Acre), Marúbo, Mayorúna, Kaxarari, Matís (Matsés) e Yawanawá.

A especificação "Katukína do Acre" se faz importante porque existe uma família lingüística denominada também "Katukína" no estado do Amazonas. Há, portanto, que reconhecer "Katukína do Acre" como uma língua Páno, e "Katukína do Amazonas" como uma família lingüística.

Estudiosos da cultura Páno falam da imprecisão dos nomes aplicáveis a seu objeto de estudo. É o caso de pesquisadores da "Universidad Nacional Mayor de San Marcos", do CEDI, e da FUNAI, que trabalharam sobre as culturas de índios conhe-

cidos como "Amahuaca", "Mayorúna" e "Marúbo"⁽⁴⁾. Eles terminam por adotar a denominação mais difundida, sem chegarem, contudo, a resolver o problema da denominação mais adequada para o grupo que lhes serve de estudo. Ainda que reconheçam que o termo designativo da língua em questão seja alheio a esta língua, preferem utilizá-lo dada a falta de outro mais apropriado. Por essa razão, repetimos que tratamos aqui da língua conhecida como "Katukína", falada por índios de duas aldeias do Acre: do rio Gregório, e do rio Campinas (excluem-se, portanto, os Katukína do Feijó), e que essa língua Páno dos índios do Acre não deve ser confundida com "Katukína do Amazonas" que designa uma família lingüística.

A família lingüística Páno abrange tribos do Peru, Brasil e Bolívia. No Brasil, ela é considerada atualmente uma família pouco numerosa, concentrada em território bem delimitado. Dentre as famílias lingüísticas menores do sul do Amazonas — Guaikurú, Nambikwára, Txapakúra, Múra, e Katukína (do Amazonas) — A. Rodrigues (1984) diz que a família Páno é a maior, pois inclui o maior número de línguas, e um número consideravelmente superior de falantes.

Três regiões geográficas são ocupadas pelos grupos Páno: a do rio Ucaiali, Juruá e Purus nas regiões fronteiriças entre o Brasil e Peru; no sudoeste do Peru há um grupo fronteiriço na região do rio Inambari; e na fronteira entre Brasil e Bolívia, nos rios Mamoré, Madeira e Beni. O grupo mais populoso se concentra no médio curso do rio Ucaiali, e nos cursos superiores do Juruá e Purus. (Ver MAPA II — ANEXO II)

Quando viajamos pela primeira vez ao Acre, observamos que devíamos apressar nossa pesquisa lingüística, pois outros índios de língua Páno da região estavam num estágio de aculturação que os levou a abandonar a língua indígena como meio de comunicação cotidiana entre seus membros em favor do português. Ainda que os Katukína, naquela ocasião, se comunicassem exclusivamente em língua indígena, sentimos necessidade de retornar ao campo rapidamente para que pudéssemos registrar testemunhos vivos de expressão em língua indígena. Nosso retorno se deu no ano seguinte, e trouxemos doze fitas gravadas⁽⁵⁾ com questionário lingüístico, relatos, diálogos livres, discursos religiosos e músicas. O questionário lingüístico, previa-

mente elaborado, baseou-se na orientação de A.Healey (1975). Aplicamos também questionário do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e listas de palavra que incluem termos da flora e fauna regionais⁽⁶⁾.

Na aldeia do Gregório realizamos a maior parte desta pesquisa, e trabalhamos com informantes diversos: três homens (Pawá, Runá, Vinú) e uma mulher (Mayá). Da aldeia do Campinas, trouxemos uma fita gravada com música e alguns dados colhidos com o informante Chico. Vários dados que exploram construções sintáticas foram colhidos posteriormente na aldeia do Campinas⁽⁷⁾.

Os informantes se dispuseram voluntariamente ao trabalho, e não dispúnhamos de lugar isolado para realizar as gravações. Nossas fitas trazem, por essa razão, vozes e ruídos externos que dificultam, algumas vezes, a audição. Pedíamos sempre que o informante repetisse cada dado pelo menos duas vezes, seguidas imediatamente por repetição nossa. Estes procedimentos utilizados para a coleta de material explicam, em certa medida, a margem de variação que faz parte de nossos dados. Para esta análise, só especificamos a proveniência de determinados dados quando julgamos que fatores individuais ou geográficos condicionam sua produção.

Ainda que mulheres e crianças Katukína falassem apenas a língua materna quando realizamos a pesquisa, Mayá — única mulher que trabalhou conosco — conhecia o português porque havia estado hospitalizada durante período relativamente extenso em Cruzeiro do Sul. Os homens da aldeia da BR-364 conheciam o português porque trabalharam com os brancos na construção da estrada. Já os Katukína do Gregório estavam em estágio diferente de contato com a cultura branca, porque o acesso à região dificulta a chegada de elementos civilizados. Além disso, o envolvimento dos índios com a população branca local apontava diferenças entre o comportamento lingüístico dos índios da BR-364 e do Gregório. No Gregório, os índios se negavam a "cortar seringa"⁽⁸⁾, enquanto que na BR-364 a escassez de caça e pesca obrigava os índios a trabalharem para os brancos da região. Por essa razão, os Katukína da BR-364 utilizavam mais freqüentemente o português do que os do Gregório.

Durante nossa visita à aldeia do Gregório, o chefe

da FUNAI de Rio Branco visitou os índios para informar-lhes que a FUNAI havia legalizado a posse de 92.000 hectares de terra ocupadas pelos seringais Sete Estrelas e Caxinauá — antiga propriedade da PARANACRE, S.A. — empresa com sede no Paraná. Os índios Katukína e Yawanawá haviam conseguido a legalização da posse de suas terras, e deviam, a partir daquela data, organizar um novo tipo de trabalho subordinado à FUNAI. A FUNAI implantava na região o sistema de "cooperativa", que desatrelava os índios do "barracão"⁽⁹⁾ da PARANACRE, mas que impedia que os Katukína optassem livremente sobre o trabalho na seringa. A organização em torno à produção da borracha requereria que a aldeia do Gregório passasse por modificações estruturais, já que as famílias deveriam construir suas casas próximas às árvores de seringa. Isto possibilitaria o desmembramento da aldeia, e a conseqüente mudança nos hábitos culturais da comunidade. Recordamos ao chefe da FUNAI, na época, que os Katukína eram basicamente agricultores, e que o trabalho na seringa ameaçaria a organização comunitária da aldeia do Gregório. Vemos o desmembramento da aldeia Katukína do Gregório como um fator de desintegração cultural e lingüística que identifica o destino do povo Katukína ao dos outros povos indígenas do Acre.

No Brasil, pouco se conhece a respeito das línguas Páno. À exceção do primoroso trabalho de C. Abreu (1914) sobre o Kaxinawá — fonte obrigatória a qualquer pessoa que deseje ingressar nos estudos Páno —, e à pesquisa recente da lingüista da FUNAI, Ruth Wallace de Garcia Paula, sobre a língua Matís (Matsés)⁽¹⁰⁾, não temos nenhuma outra publicação sobre o assunto.

O fato de haver poucos estudos no Brasil sobre as línguas Páno é uma das razões pelas quais escolhemos o Katukína como objeto deste estudo. Outra razão para que julgássemos a urgência desta tarefa se deve ao envolvimento dos Katukína com a atividade na borracha que põe em risco a unidade espacial, cultural e lingüística da comunidade indígena em questão.

No campo da antropologia, Júlio Cezar Melatti, Delvair Montagner Melatti e Terri Valle d'Aquino se dedicam, atualmente, aos estudos da cultura Páno. Hélio Lemos Sôlha vem desenvolvendo trabalho de dissertação de mestrado, sobre Antropologia Visual, junto às aldeias Katukína do Acre.

No Peru, as informações sobre línguas Páno vêm dos pesquisadores da "Universidad Nacional Mayor de San Marcos", e dos americanos do Summer Institute of Linguistics. A Missão Novas Tribos do Brasil convive com os índios do Gregório há anos e o trabalho lingüístico realizado pelos missionários David Sharp e Gerald Kennel serve aos objetivos de orientação religiosa e pedagógica.

As publicações que conhecemos sobre a língua Katukí na são duas: um artigo do etnólogo francês P. Rivet (1920), e outro de B.H. Loos (1976) que traz dados recopilados de cinco cartilhas de autoria de David Sharp. Os pesquisadores da UNICAMP, Maria Suely Aguiar e Gilvan Müller de Oliveira, realizam atualmente pesquisa sobre o Katukína, dando continuidade também aos estudos científicos nesta área.

Neste trabalho, delimitamos a descrição do Katukína ao aspecto sonoro, e exploramos também algumas construções sintáticas no sentido de pesquisar se a nasalização vocálica se mostra como traço lingüisticamente relevante a nível morfológico e sintático. Tudo que vai escrito nesta dissertação se apresenta como uma hipótese a respeito do comportamento dos sons da língua Katukína. Seu objetivo é ser um passo de entrada ao estudo da língua Katukína, de forma a suprir parte da lacuna existente em relação ao estudo das línguas Páno faladas no Brasil.

NOTAS DO CAPÍTULO I

— (1) "Em consequência da rapidez da violência desta invasão" — iniciada com a exploração dos seringais de 1911 a 1945, a região Juruá-Purus — "que fora uma das áreas de maior população indígena despovoou-se em poucos anos, na medida em que nasciam os núcleos civilizados." (...) "Nenhuma outra região apresenta, (...), tantas dificuldades para o etnólogo e para o lingüista. Não somente pouco se sabe sobre as tribos que a habitavam, como há enorme confusão a começar pelos nomes. O seringueiro não estava interessado em distinções lingüísticas e culturais; com poucos nomes batizou todas as tribos, fazendo-os recair sobre grupos completamente diferentes. Isto indica bem a superficialidade dos contatos, que mal permitiam uma identificação grosseira dos índios." (O grifo é nosso).

— (2) "o nome katukina (katukinarú, katukíno, katukena, katukena, katukíno) não é um nome específico para uma tribo, mas um termo geral que serve para designar povos diversos, apresentando caracteres comuns no aspecto exterior ou nos hábitos de vida. Este termo é comum no Peru e na Bolívia." (A tradução do francês é nossa).

— (3) A língua citada como Kanamarí do rio Juruá deve corresponder à língua Kanamarí dos rios Itacoaf, Jutaf e Juruá e de seu afluente Xeruã, classificada como língua da família lingüística Katukína, por A. Rodrigues (1984) e J.C. Melatti (1981:117).

— (4) Referimo-nos aqui às publicações do CEDI, coordenada por J.C. Melatti (1981:61) que trata dos Mayorúna; de d'Ans e Eyden (1972:1) da "Universidad Nacional Mayor de San Marcos" sobre o Amahuaca; e da pesquisa da FUNAI, feita por D. Montagner Melatti e J.C. Melatti (1975:3), sobre os Marúbo.

— (5) Utilizamos gravador comum tipo cassete, marca National, para as gravações em fitas de sessenta minutos, marca Maxell.

- (6) Agradecemos à Claudia Netto do Valle a lista dos termos regionais
- (7) Agradecemos a Hélio Sôlha, em visita à aldeia do rio Campinas em 1983, a gravação destes dados.
- (8) "Cortar seringa" é termo regional que se refere à atividade do seringueiro na extração da borracha.
- (9) "Barracão" é o termo designativo do armazém que vende mercadorias e controla a produção dos seringueiros. "Cooperativa" é o nome do armazém da FUNAI que oferece aos índios mercadorias com preço mais barato que os do barracão.
- (10) Paula, Ruth Wallace de Garcia — Relatório de Viagem. PIA Ituí, 1979. Refere-se à pesquisa lingüística realizada no PIA Ituí, no período de 24/02/79 a 22/03/79. Brasília, 16/05/79.

CAPÍTULO II

FONÉTICA

"A fala é para o foneticista como a floresta para o índio: com atenção e perseverança, ele aprende a distinguir e a identificar uma enorme gama de sons que para os outros não passam de vozes do silêncio."

E.M.Maia (1985:18)

FONÉTICA DO KATUKÍNA

Este trabalho se baseia diretamente no estudo dos sons da fala de informantes nativos, e este capítulo se resume em apresentar as características básicas articulatórias dos sons da língua Katukína.

2.1 — SONS CONSONANTAIS

Para este trabalho, consideramos que o repertório fonético do Katukína consta de quarenta sons, distribuídos em 28 sons consonantais e doze sons vocálicos. Todos eles são emi tidos por mecanismo de ar pulmonar egressivo, isto significa que a corrente de ar proveniente dos pulmões se dirige para fora do aparelho fonador.

A nossa classificação entre segmentos consonantais e vocálicos se orienta de acordo com as características articulatórias e às posições destes elementos na sílaba. De acordo com a posição na sílaba, os segmentos vocálicos constituem núcleo silábico, e os sons consonantais ocupam as posições marginais na sílaba. Quanto à articulação, os sons consonantais se opõem basicamente aos sons vocálicos por apresentarem algum tipo de obstáculo à passagem da corrente de ar proveniente dos pulmões em algum ponto do aparelho fonador. Este obstáculo pode localizar-se nas regiões glotal ou supra-glotal

2.1-1 — SONS GLOTAIS

A glote é o espaço de abertura entre as cordas vocais localizado na laringe. Ela é responsável pelo controle do volume de ar que passa pela laringe no ato de fonação.

A glote se fecha total e momentaneamente, fazendo com que as cordas vocais funcionem como os articuladores da oclusiva glotal [ʔ]. Como tratamos neste capítulo de listas de palavras, constatamos que antes de iniciar a produção de uma palavra determinada e ao finalizá-la a glote se fecha momentaneamente. A oclusiva glotal delimita foneticamente, portanto, as pausas do Katukína quando se trata da produção de palavras isoladas em estilo lento. Ex.:

[ʔnaʔ] 'boca' [ta'maʔ] 'amendoim'

Na produção da fricativa glotal, a glote se aperta permitindo que o ar escape por uma fenda estreita formada entre as cartilagens aritenóides. Este som faz parte do início de algumas palavras do Katukína.

[hĩ'paʔ] 'rabo'

2.1-2 — SONS SUPRA-GLOTAIS

Chamamos de sons supra-glotalis os sons produzidos nas cavidades superiores à glote, isto é, no trato oral (boca).

Os sons consonantais, glotalis e supra-glotalis, ocupam as posições marginais da sílaba. E ainda que os sons "semivocálicos" se identifiquem articulatoriamente aos sons vocálicos (por apresentarem graus equivalentes de obstrução à passagem da corrente de ar), eles ocupam as posições marginais da sílaba Katukína, e por essa razão estão incluídos entre os sons consonantais.

Em relação ao ponto de articulação, os sons consonantais se dividem em: bilabial [p b b̥ m w], labiodental [v], interdental [t̪], alveolar [t d ts dz s z n r̥], alveopalatal [c̣ ʃ ṣ ʒ̣], palatal [y], e velar [k g x ŋ]. O som alveopalatal [ṣ] se distingue de [s̥] pela elevação da ponta da língua característica da retroflexão.

Em relação ao modo de articulação, os sons se classificam em : oclusivos [p b t d k g], africados [t̪ ts dz c̣ ʃ], fricativos [b̥ v s z ṣ ʒ̣ x], nasais [m n ŋ], tap [r̥]. Existem também as semivogais [w y].

As cordas vocais cumprem o papel de distinguir os sons consonantais surdos e sonoros. Os três últimos conjuntos de sons (nasais, tap e semivocálicos) comportam apenas elementos sonoros, produzidos com um estado de abertura da glote que permite a vibração das cordas vocais. Esta posição permite opor também os segmentos sonoros [b d g dz ʃ z ʒ̣] aos correlatos surdos [p t k ts c̣ ṣ]. Existem ainda entre os elementos sonoros [b̥ v] e entre os surdos [s̥ x].

2.1-3 — QUADRO DOS SONS CONSONANTAIS DO KATUKÍNA

O quadro que se segue apresenta os sons consonantais do Katukína, dispostos em relação aos parâmetros articulatórios enunciados anteriormente.

	BILA- BIAL	LABIO- DENTAL	INTER- DENTAL	ALVEO- LAR	RETRO- FLEXA	ALVEO- PALATAL	PALA- TAL	VELAR	GLOTAL
<u>OCCLUSIVO</u> sur. son.	p b			t d				k g	ʔ
<u>AFRICADO</u> sur. son.			tʰ	ts dz		ç j			
<u>FRICATIVO</u> sur. son.	ɸ	v		s z	ʃ ʒ	ç j ʃ ʒ		x	h
<u>NASAL</u> son.	m			n		ɲ		ŋ	
<u>TAP</u> son.				ɾ					
<u>SEMI VOGAL</u> son.	w						y		

2.1-4 — DADOS

1. [p] em início de sílaba inicial de palavra

[pu'pu'] 'caboré'

[pĩ'no'] 'beija-flor, jaburu'

em início de sílaba não inicial de palavra

[ka'pi'] 'jacaré'

[ka'pa'] 'quatipuru'

2. [t] em início de sílaba inicial de palavra

[ta'ka'ra'] 'galinha'

[tã'go'] 'tracajá'

em início de sílaba não inicial de palavra

[wa'ta'] 'macaco de cheiro'

[may'te'] 'chapéu'

3. [k] em início de sílaba inicial de palavra

[ka'pi'] 'jacaré'

[ka'mã] 'cachorro, onça'

em início de sílaba não inicial de palavra

[ma'ki'] 'piranha'

[mis'ki'] 'pedra'

4. [?] em início de sílaba inicial de palavra

[?ã'na'] 'boca'

[?aw'a'] 'anta'

em início de sílaba não inicial de palavra

[ta'?'i'] 'pé'

[tse'ʔoʔ] 'besouro'

em fim de sílaba não final de palavra

[kaʔ'paʔ] 'quatipuru' (1)

[kaʔtu'kinaʔ] 'katukina' (1)

em fim de sílaba final de palavra

[ta'maʔ] 'amendoim'

[ma'kiʔ] 'piranha'

5. [b] em início de sílaba não inicial de palavra

[sũm'baʔ] 'mamão'

[kãm'boʔ] 'sapo'

6. [d] em início de sílaba não inicial de palavra

[kõn'daʔ] 'coco açu'

[kãn'deʔ] 'arco'

7. [g] em início de sílaba não inicial de palavra

[yõŋ'gaʔ] 'goiaba'

[tãŋ'goʔ] 'tracajá'

8. [tθ] em início de sílaba inicial de palavra

[tθa'tθaʔ] 'peixe' (2)

em início de sílaba não inicial de palavra

[a'tθaʔ] 'mandioca' (2)

9. [ts] em início de sílaba inicial de palavra

[tsa'tsaʔ] 'peixe'

[tso'ʔoʔ] 'pulga'

em início de sílaba não inicial de palavra

- [a'tsaʔ] 'mandioca'
[ʃe'tseʔ] 'arara cabeça'

10. [ʧ̣] em início de sílaba inicial de palavra

- [ʧ̣i'iʔ] 'fogo'
[ʧ̣e'ʧ̣eʔ] 'cascudo'

em início de sílaba não inicial de palavra

- [ma'ʧ̣uʔ] 'caissuma'
[nay'ʧ̣oʔ] 'andorinha'

11. [dz] em início de sílaba não inicial de palavra

- [õn'dzoʔ] 'cuidado' (3)
[m̃n'dzoỹ] 'chifre'

12. [ʝ] em início de sílaba não inicial de palavra

- [t̃õp'ʝiʔ] 'curica'
[t̃ãp'ʝuʔ] 'caju'

13. [ɸ] em início de sílaba inicial de palavra

- [ɸo'oʔ] 'cabelo'
[ɸũŋ'guʔ] 'embaúba'

em início de sílaba não inicial de palavra

- [ku'ɸuʔ] 'jacu'
[ʃa'ɸoʔ] 'calango'

14. [v] em início de sílaba inicial de palavra

- [vi'miʔ] 'fruta'
[va'riʔ] 'sol, dia'

em início de sílaba não inicial de palavra

[mĩ'viʔ] 'mão'
[ti'viʔ] 'grosso'

15. [s] em início de sílaba inicial de palavra

[sɛn'zõ] 'jaca'
[sa'viʔ] 'prima'

em início de sílaba não inicial de palavra

[ko'soʔ] 'cujumim'
[i'saʔ] 'guandu'

em fim de sílaba não final de palavra

[is'koʔ] 'japó'
[as'kaʔ] 'assim'

em fim de sílaba final de palavra

[ku'kumis] 'candiru'
[ri'ças] 'perna'

16. [ʃ̣] em início de sílaba inicial de palavra

[ʃ̣e'tseʔ] 'arara cabeçaõ'
[ʃ̣a'ʔiʔ] 'tamanduá'

em início de sílaba não inicial de palavra

[a'ʃ̣aʔ] 'tingui'
[ki'ʃ̣iʔ] 'coxa'

em fim de sílaba final de palavra

[to'ʔoʃ̣] 'bacurau'
[ma'paʃ̣] 'amarelão'

17. [ṣ] em início de sílaba inicial de palavra

[ṣĩ'poʔ] 'macaco'

[ṣa'noʔ] 'surucucu'

em início de sílaba não inicial de palavra

[ko'ṿsoʔ] 'boto'

[ṣi'ṿsiʔ] 'saúva'

em fim de sílaba não final de palavra

[c̣uṣ'ṿcaʔ] 'sujo'

[pi'ṿcaʔ] 'pequeno'

em fim de sílaba final de palavra

[to'aṣ] 'seco'(4)

18. [x] em início de sílaba inicial de palavra

[xu'noʔ] 'porco'

[xu'puʔ] 'mosquiteiro'

19. [h] em início de sílaba inicial de palavra

[hi'viʔ] 'árvore'

[hu'puʔ] 'mosquiteiro'

20. [z] em início de sílaba não inicial de palavra

[ãn'zĩ] 'mutum'

[ṣẽn'zõ] 'jaca'

em fim de sílaba não final de palavra

[piuz'maʔ] 'ele não come'

[osauz'maʔ] 'ele não dorme'

21. [ʒ̃] em início de sílaba não inicial de palavra

[kãp̃'ʒiʔ] 'morcego'

[tãp̃'ʒoʔ] 'maparajuba'

em fim de sílaba não final de palavra

[waz'mã] 'algodão' (5)

22. [m] em início de sílaba inicial de palavra

[ma'niʔ] 'banana'

[ma'kiʔ] 'piranha'

em início de sílaba não inicial de palavra

[na'miʔ] 'carne'

[ka'mã] 'cachorro, onça'

em fim de sílaba não final de palavra

[sũm'baʔ] 'mamão'

[cãm'boʔ] 'grilo'

23. [n] em início de sílaba inicial de palavra

[na'miʔ] 'carne'

[no'nõ] 'pato'

em início de sílaba não inicial de palavra

[řu'noʔ] 'cobra'

[řu'naʔ] 'nome próprio'

em fim de sílaba não final de palavra

[kãn'daʔ] 'coco açu'

[kãn'deʔ] 'arco'

24. [p] em início de sílaba não inicial de palavra

[ví'po[?]] 'buriti'

[šĩ'po[?]] 'macaco'

em fim de sílaba não final de palavra

[kãp'zi[?]] 'morcego'

[tãp'ju[?]] 'caju'

em fim de sílaba final de palavra

[ts oy'ts ãÿp] 'reto'

[a'ĩp] 'fêmea'

25. [ŋ] em fim de sílaba não final de palavra

[yõŋ'ga[?]] 'goiaba'

[tãŋ'go[?]] 'tracajá'

em fim de sílaba final de palavra

[kãŋ'kãŋ] 'abacaxi' (6)

26. [r̥] em início de sílaba inicial de palavra

[řu'no[?]] 'cobra'

[řo'řo[?]] 'farinha'

em início de sílaba não inicial de palavra

[va'ři[?]] 'sol, dia'

[ta'ra[?]] 'lata'

27. [w] em início de sílaba inicial de palavra

[wa'ka[?]] 'água'

[way'çu[?]] 'Bom dia' (7)

em fim de sílaba não final de palavra

[yaw'a[?]] 'queixada' (7)

[iw'i[?]] 'sim' (7)

28. [y] em início de sílaba inicial de palavra

[ya'ka[?]] 'nome próprio'

[yaw'is^v] 'tatu' (7)

em início de sílaba não inicial de palavra

[ma'^vcayya[?]] 'cuiu' (7)

[so'mayya[?]] 'moça' (7)

em fim de sílaba não final de palavra

[may'te[?]] 'chapéu'

[nay'^vco[?]] 'andorinha'

em fim de sílaba final de palavra

[ka'nay] 'dourado'

[ro'^vroỹ] 'tetéu'

2.2 — SONS VOCÁLICOS

Os sons vocálicos são emitidos sem bloqueio à passagem da corrente de ar, e ocupam a posição nuclear na sílaba. Parece existir doze qualidades vocálicas relevantes em Katukína, que equivalem a seis sons orais e seis nasais. Todos esses sons são sonoros.

2.2-1 — SONS VOCÁLICOS ORAIS

Classificam-se pela elevação da língua em alto [i ± u], médio [e o] e baixo [a]. Em relação à posição da língua, podem ser anterior [i e], central [± a], e posterior [u o]. A posição dos lábios distingue os sons arredondados [u o] dos não-arredondados [i e ± a].

2.2-2 — QUADRO DOS SONS VOCÁLICOS ORAIS

	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	Não-Arred.	Arred.	Não-Arred.	Arred.	Não-Arred.	Arred.
ALTO	i		±			u
MÉDIO	e					o
BAIXO			a			

2.2-3 — SONS VOCÁLICOS NASAIS

Os ressonadores distinguem os sons orais dos sons nasais. O único ressonador dos sons orais é a cavidade bucal. Na produção dos sons nasais, por outro lado, as fossas nasais funcionam também como ressonador porque o abaixamento do véu palatino faz com que parte do ar expirado saia pelas fossas nasais.

A classificação dos sons nasais se assemelha à dos vocálicos orais em relação à posição da língua. Este parâmetro distingue sons anteriores [ĩ ē], centrais [ĩ ã] e posteriores [ũ õ].

Em relação à elevação da língua, as distinções são duas: alta [ĩ ã ũ] e média [ē ã õ].

A posição dos lábios opõe sons arredondados [ũ õ] aos sons não-arredondados [ĩ ē ã ã].

2.2-4 — QUADRO DOS SONS VOCÁLICOS NASAIS

	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	Não-Arred.	Arred.	Não-Arred.	Arred.	Não-Arred.	Arred.
ALTO	ĩ		ĩ			ũ
MÉDIO	ē		ã			õ

2.2-5 — DADOS — VOGAIS ORAIS

1. [i] em palavras como:
[is'ko[?]] 'japó'
[či'i[?]] 'fogo'
2. [e] em palavras como:
[če'če[?]] 'cascudo'
[wĩn'de[?]] 'coração'
3. [ɛ] em palavras como:
[iw'mɛ[?]] 'criança'
[ka'pɛ[?]] 'jacaré'
4. [a] em palavras como:
[a'no[?]] 'paca'
[ka'pa[?]] 'quatipuru'
5. [o] em palavras como:
[o'ni[?]] 'homem'
[řo'řo[?]] 'farinha'
6. [u] em palavras como:
[u'ka[?]] 'graúna'
[pu'pu[?]] 'caboré'

DADOS — VOGAIS NASAIS

1. [ĩ] em palavras como:
[ri'kĩ] 'nariz'
[wĩn'de[?]] 'coração'

2. [ẽ] em palavras como:

[sɛ̃n'zõ] 'jaca' (8)

3. [ĩ] em palavras como:

[wa'pĩ] 'piauí'

[kɛ̃p'jaʔ] 'prato'

4. [õ] em palavras como:

[ka'mõ] 'cachorro'

[yãn'daʔ] 'ontem'

5. [õ] em palavras como:

[yõŋ'gaʔ] 'goiaba'

[sɛ̃n'zõ] 'jaca'

6. [ũ] em palavras como:

[bũŋ'guʔ] 'embaúba'

[tɛ̃'pũ] 'pescoço'

2.1-5 — QUADRO DE OCORRÊNCIA DAS CONSOANTES

INÍCIO DE SÍLABA INICIAL DE PALAVRA	INÍCIO DE SÍLABA NÃO INICIAL DE PALAVRA	FIM DE SÍLABA NÃO FINAL DE PALAVRA	FIM DE SÍLABA FINAL DE PALAVRA
p	p	-	-
t	t	-	-
k	k	-	-
ʔ	ʔ	ʔ	ʔ
-	b	-	-
-	d	-	-
-	g	-	-
tʰ	tʰ	-	-
tʰ	tʰ	-	-
c	c	-	-
-	dʒ	-	-
-	j	-	-
ʃ	ʃ	-	-
v	v	-	-
s	s	s	s
s	s	-	-
s	s	s	s
s	s	-	-
h	-	-	-
x	-	-	-
-	z	z	-
-	vz	vz	-
h	h	h	-
h	h	h	-
-	ʁ	ʁ	ʁ
-	-	h	h
v	v	-	-
w	-	w	-
y	y	y	y

NOTAS DO CAPÍTULO II

- (1) Este dado faz parte de discurso transcrito por Gilvan Müller de Oliveira.
- (2) Estes dados foram colhidos na primeira viagem ao campo, na aldeia do rio Campinas. Este som é pouco freqüente nas gravações feitas na aldeia do rio Gregório.
- (3) Devemos este dado a Gilvan Müller de Oliveira.
- (4) Só registramos este dado de [ʃ] em final de palavra.
- (5) Este é o único exemplo registrado em nosso corpus.
- (6) Este é o único dado em que [ŋ] finaliza palavra.
- (7) A divisão silábica destes dados é ambígua, visto que há variação, por exemplo, entre [yaw'aʔ] - [ya'waʔ] - [yaw'waʔ]. Escolhemos uma das variações possíveis, já que não temos dados que explorem a silabização desta palavra. Nossa decisão sobre as sílabas fonéticas destes dados atende a fatores de ordem fonológica.
- (8) Só registramos este dado com o fone [ẽ].

CAPÍTULO III

FONOLOGIA

FONOLOGIA DO KATUKÍNA

A fonologia estuda a sistematização dos sons da língua no sentido de depreender os fonemas — unidade fonológica mínima — e as regras pelas quais os fonemas se combinam para formar as palavras e as frases da língua. Este capítulo trata de estabelecer quantos e quais são os fonemas do Katukína e como eles se combinam na formação das palavras desta língua. Para isso, dividimos este capítulo em duas partes: uma reservada às unidades fonológicas consonantais, outra às vocálicas.

3.1 — FONEMAS CONSONANTAIS

A língua Katukína apresenta quinze unidades fonológicas consonantais, sendo: quatro oclusivas, duas africadas, quatro fricativas, duas nasais, uma tap e duas semivogais.

	BILA- BIAL	ALVEO- LAR	RETRO- FLEXA	ALVEO- PALATAL	PALATAL	VELAR	GLOTAL
<u>OCLUSIVA</u> sur.	p	t				k	ʔ
<u>AFRICADA</u> sur.		ts		v c			
<u>FRICATIVA</u> sur. son.	v	s	v s '	v s			
<u>NASAL</u> son.	m	n					
<u>TAP</u> son.		v r					
<u>SEMIVOGAL</u> son.	w				y		

Dividimos os fonemas consonantais em três grupos. Esta divisão atende a critérios articulatórios. Pelo critério articulatório distinguimos os fonemas surdos dos sonoros, e os fonemas glotais dos supra-glotaais. Aliamos este critério articulatório às características distribucionais dos fonemas consonantais e estabelecemos três grupos: fonemas surdos, fonemas sonoros e fonema glotal.

3.1-1 — 1º GRUPO: FONEMAS SURDOS

Este grupo engloba a maior parte dos fonemas consonantais do Katukína. São oito fonemas surdos, sendo: três oclusivos, três fricativos e dois africados. Eles se comportam igualmente em relação ao contexto fonético em que se encontram: uma variante sonora em contexto nasal, e uma surda nos demais ambientes. Não pudemos constatar a ocorrência do alofone sonoro do fonema retroflexo /š/, mas acreditamos conveniente que se fizesse uma análise com espectógrafo para que se atestasse essa constatação. Isto comprovaria a validade de sua inclusão nesta classe de fonemas.

<u>OCLUSIVOS:</u>	/p/	[p]	[b]	
	/t/	[t]	[d]	
	/k/	[k]	[g]	
<u>AFRICADOS:</u>	/ts/	[ts]	[tθ]	[dz]
	/č/	[č]	[ʝ]	
<u>FRICATIVOS:</u>	/s/	[s]	[z]	
	/š/	[š]	[ž]	
	/š̃/	[š̃]		

entes. Exemplos:

[tsa'tsa [?]]	'peixe'	/tsatsa/	[mǎn'dzoỹ]	'chifre'	/mǎtsũy/
[ʃe'tse [?]]	'arara cabeção'	/ʃitsi/	[ǒn'dzo [?]]	'cuidado'	/ũtsu/
[ʃa'na [?]]	'japinim'	/ʃana/	[nǎn'ja [?]]	'jiju'	/nǎʃa/
[ma'çu [?]]	'caissuma'	/maçu/	[mǎp'jis]	'unha'	/mǎʃis/

O som interdental surdo faz parte dos dados da primeira fita, gravada na aldeia do rio Campinas. As transcrições registradas para os dados referentes a 'peixe' e 'mandioca' nos faz pensar na flutuação entre [ts] e [t̪], condicionada por fatores dialetais ou geográficos que não sabemos precisar.

[t̪a't̪a [?]]	-	[tsa'tsa [?]]	'peixe'	/tsatsa/
[a't̪a [?]]	-	[a'tsa [?]]	'mandioca'	/atsa/

Nos poucos dados trazidos da primeira viagem à aldeia do rio Campinas, registramos os dados com [t̪] e não registramos a variante sonora [dz]. Isso nos fez cogitar que o alofone interdental complementava o fonema alveopalatal /ç^v/ em contextos pouco definidos. Os dados da segunda viagem, à aldeia do rio Gregório, traziam a forma alveolar [ts] como mais frequente que [t̪] e exemplos da alveolar sonora. Este fato fez com que pensássemos, primeiramente, em uma unidade africada /ç^v/ que se realizava como [t̪] [ts] e [ç] em contextos orais pouco precisos, e como [j] em contexto nasal. Abandonamos a idéia de complementação entre [ts] e [ç] pelo exame de dados que trazem a alveolar sonora [dz], e pela comparação dos exemplos adiante dizemos que /ts/ e /ç^v/ são fonemas distintos.

[tsu'na [?]]	'ingá'	/tsuna/	[çu'na [?]]	'macaco barrigudo'	/çuna/
[tsya'so [?]]	'veado'	/tsia'su/	[ʃa'so [?]]	'pinto d'água'	/çasu/
[tse'ʔo [?]]	'besouro'	/tsi'ʔu/	[çe'ʔe [?]]	'periquito'	/çiri/
[mǎn'dzoỹ]	'chifre'	/mǎtsũy/	[tǎp'ju [?]]	'caju'	/tǎçu/

3.1-1.3 — FRICATIVOS

Os fonemas fricativos surdos participam de duas posições marginais na sílaba.

[so'noʔ]	'samaúma'	/sunu/	[ko'soʔ]	'cujumim'	/kusu/
[ku'kumis]	'candiru'	/ku'kumis/	[is'koʔ]	'japó'	/isku/
[šī'poʔ]	'macaco'	/šīnu/	[ko'šoʔ]	'boto'	/kušu/
[to'aš]	'seco'	/tuas/	[piš'čaʔ]	'pequeno'	/pišča/
[ša'ʔiʔ]	'tamanduá'	/šaʔi/	[a'šaʔ]	'tingui'	/aša/
[to'ʔoš]	'bacurau'	/tuʔuš/	[ay'ōpš]	'cipó titica'	/ayāš/

Conforme mostram estes exemplos, a distribuição dos fonemas fricativos é ampla. Os fonemas /s/ e /š/ ocupam quatro posições: início de sílaba inicial de palavra, início de sílaba não inicial de palavra, fim de sílaba final de palavra, fim de sílaba não final de palavra. Não temos dados com o fonema retroflexo em fim de sílaba não final de palavra. Mas em posição final de palavra acreditamos que o fonema retroflexo se realiza surdo em contextos orais ou nasais, e é mais freqüente que /š/ nesta posição.

Os fonemas surdos alveolar e alveopalatal apresentam complementação idêntica aos demais elementos do primeiro grupo: alofone sonoro diante de nasal e surdo nos demais ambientes.

[ča'soʔ]	'pinto d'água'	/času/	[ən'zī]	'mutum'	/āsī/
[šī'šīʔ]	'saúva'	/šīšī/	[kōp'žīʔ]	'morcego'	/kāsī/

A sonorização dos fonemas surdos /s/ e /š/ se faz em processo de assimilação progressiva. Em caso de assimilação regressiva a flutuação entre a variante surda e sonora se deve possivelmente a fatores de velocidade.

[pius'ma?] ~ [piuz'ma?] 'ele não come' (2)
 /pi/ + /-us-/ + /-ma/
 'Verbo' 'Tempo' 'Sufixo de Negação'

[waš'mã] ~ [waž'mã] 'algodão' /wašmã/

A nasalização condiciona a sonoridade dos fonemas /s/ e /s̃/ em processo de assimilação progressiva e regressiva.

A restrição ambiental do fonema retroflexo — que parece não participar da posição fim de sílaba não final de palavra — e o fato de não haveremos encontrado o alofone sonoro em ambiente nasal nos trouxe dúvidas quanto à sua inclusão neste primeiro grupo de fonemas. Talvez não tenhamos encontrado a variante sonora por problemas de percepção que uma análise experimental resolveria. Nossa classificação neste grupo se deve ao fato de que ele participa de duas posições na sílaba — inicial e final — como os demais fonemas fricativos. Seu comportamento distribucional diferente das demais unidades fricativas aconselha que se considere essa determinação com mais cuidado, e por isso voltaremos a este assunto no capítulo quarto (vide 4.2-1).

3.1-2 — 2º GRUPO: FONEMAS SONOROS

O grupo de fonemas consonantais sonoros inclui seis unidades: uma fricativa, duas nasais, duas semivogais e uma tap. Estes fonemas não mostram um processo de complementação único, como se dá nos fonemas do primeiro grupo. Alguns deles apresentam alofones em distribuição complementar em contextos que discutiremos a seguir:

<u>FRICATIVO:</u>	/v/	[ʋ]	[v]
<u>NASAL:</u>	/m/	[m]	
	/n/	([n])	(([p]) [ŋ] [m])) (3)
<u>TAP:</u>	/ɾ̃/	[ɾ̃]	
<u>SEMIVOGAL:</u>	/w/	[w]	
	/y/	[y]	[ɸ]

3.1-2.1 — FRICATIVO

O fonema fricativo se apresenta em início de sílaba inicial e não inicial de palavra. Este fonema apresenta o alofone labial [ʋ] diante de vogais posteriores, e o alofone labio dental em outros ambientes.

[ʋũŋ'guʔ]	'embaúba'	/vũku/	[va'ɾiʔ]	'sol, dia'	/vaɾi/
[ʋo'oʔ]	'cabelo'	/vuu/	[mi'viʔ]	'mão'	/mi'vi/

3.1-2.2 — NASAL

Iniciamos a exposição sobre os fonemas nasais pela posição em início de sílaba. Reconhecemos duas unidades que contrastam nesta posição determinada:

[ma'niʔ]	'banana'	/mani/	[na'miʔ]	'carne'	/nami/
------------	----------	--------	------------	---------	--------

O fonema alveolar /n/ apresenta um alofone em posição de início de sílaba não inicial de palavra em presença da vogal palatal nasalizada, em processo de assimilação progressiva:

[vĩ'naʔ] 'abelha' /vĩna/ [vi'naʔ] 'novo' /vina/
 [vĩ'noʔ] 'buriti' /vĩnu/ [a'noʔ] 'paca' /anu/

A ocorrência da nasal alveopalatal em início de sílaba está condicionada a dois fatores: presença da vogal alta [i] e nasalização vocálica.

[hĩ'naʔ] 'rabo' /ʔĩna/ [hi'niaw'aʔ] 'peixe-bú' /ʔini awa/

As nasais cumprem também o papel de travadores silábico quando seguem as vogais silábicas do Katukína. Tratamos aqui das ocorrências fonéticas da nasal em posição fim de sílaba final e não final de palavra.

A nasalização se faz de dois modos em Katukína: pela vogal nasalizada em fim de palavra, e pela vogal nasalizada seguida de consoante nasal em meio de palavra.

Em interior de palavra, a nasalização se faz por meio de uma vogal nasalizada seguida de consoante nasal, homogênicamente à consoante que lhe segue. A nasalização em meio de palavra se manifesta por dois fatores associados: a vogal nasalizada e a consoante nasal. A consoante nasal se realiza foneticamente no ponto de articulação da consoante que lhe segue em: labial, alveolar, alveopalatal, e velar.

Labial:	[m]	—	[ʔsõm'baʔ]	'melancia'	/ʔsũpa/
Alveolar:	[n]	—	[kãn'deʔ]	'arco'	/kãti/
			[õn'dzoʔ]	'cuidado'	/ũtsu/
			[sãn'zõ]	'jaca'	/sĩsũ/
Alveopalatal:	[ɲ]	—	[tõp'ʔziʔ]	'curica'	/tũsi/
			[nĩɲ'jaʔ]	'jiju'	/nĩça/
Velar:	[ŋ]	—	[tãŋ'goʔ]	'tracajá'	/tãku/

A nasalização vocálica condiciona a sonorização do elemento consonantal que lhe segue.

Em final de palavra, a nasalização se atualiza de maneira diversa à nasalização em meio de palavra: a vogal se nasaliza. São vários os casos de vogal nasal que finalizam palavras em Katukína.

[ka'mõ] 'cachorro, onça' /kamã/

[ři'ki] 'nariz' /řiki/

Mas há alguns casos de variação entre as formas de nasalização vocálica em fim de palavra.

[kãŋ'gã] - [kãŋ'kãŋ] 'abacaxi' /kãkã/

[a'ĩ] - [a'ĩŋ] 'fêmea' /aĩ/

[tsɔy'tsãÿp] 'reto' /tsuytsãy/

Estes exemplos demonstram que a nasalização vocálica em final de palavra pode-se dar de maneira semelhante à nasalização em meio de palavra. Isto é, o segmento vocálico e semi-vocálico é nasalizado, e a nasalização se desenvolve pela presença de uma consoante nasal: velar no caso de vogal baixa, e palatal nos casos de vogal ou semivogal alta.

O contraste entre [m] e [n] em início de sílaba obriga o reconhecimento de duas unidades fonológicas. Em fim de sílaba, este contraste se apaga, fazendo com que [m] e [n] se apresentem como desenvolvimento da nasalização vocálica. Esta consideração exige considerações adicionais que serão encontradas nas partes relativas aos fonemas vocálicos nasais (vide 3.2-2) e à estrutura silábica (vide 4.2-1).

3.1-2.3 — TAP

O fonema tap não apresenta alofones, e ele ocorre sempre em início de sílaba.

[ʳo'ʳoʔ] 'farinha' /ʳuʳu/
 [ku'ʳõ] 'seringueira' /kuʳã/

Registramos casos, em interior de enunciado, em que o tap não se manifesta. Isto pode estar associado à velocidade de fala, ou a fatores estilísticos que não sabemos definir. Transcrevemos os registros:

[o'ni ua'paʔ] - [o'ni ʳua'paʔ] 'homem bonito'
 /uni/ + /ʳua'pa/
 'homem' 'bonito'

[o'šo i'čas ki'yaʔ] - [o'šo ʳi'čas ki'yaʔ] 'a garça tem
 /ušu/ + /ʳičas/ + /kiya/ perna comprida'
 'garça' 'perna' 'comprida'

3.1-2.4 - SEMIVOGAIS

As semivogais diferenciam palavras como:

[ya'paʔ] 'piaba' /yapa/ [wa'paʔ] 'coruja' /wapa/
 [ʳo'ʳoʔ] 'farinha' /ʳuʳu/ [ʳo'ʳoỹ] 'tetéu' /ʳuʳũy/
 [ka'naʔ] 'arara' /kana/ [ka'nay] 'dourado' /kanay/

As semivogais ocupam na sílaba as posições de início e final de sílaba, formando com as vogais ditongos crescentes e decrescentes, respectivamente. O fonema semivocálico palatal forma sílaba com as vogais /a/ e /u/, e o labial com as vogais /a/ e /i/. São sete os ditongos orais do Katukína e cinco os ditongos nasais.

DITONGO CRESCENTE

<u>ORAL</u>		<u>NASAL</u>		
1) /ya/	[ya'a [?]] /yaa/	'panela'	1) /yã/ [yãn'da [?]] /yãta/	'ontem'
2) /wa/	[wa'a [?]] /waa/	'roçado'	2) /wĩ/ [wĩn'de [?]] /wĩti/	'coração'
3) /yu/	[yoša'bu [?]] /yuša'vu/	'velha'	3) /yũ/ [yõŋ'ga [?]] /yũka/	'goiaba'

DITONGO DECRESCENTE

<u>ORAL</u>		<u>NASAL</u>		
4) /ay/	[may'te [?]] /mayti/	'chapéu'	4) /ãy/ [ts oy'tsãÿn] /ts uytsãÿ/	'reto'
5) /aw/	[aw'a [?]] /awa/	'anta'	5) /ũy/ [mōn'dzoÿ] /mãtsũÿ/	'chifre'
6) /iw/	[iw'ĩ [?]] /iwĩ/	'sim'		
7) /uy/	[ts oy'tsãÿn] /ts uytsãÿ/	'reto'		

Os fonemas semivocálicos podem ocupar também as duas posições numa mesma sílaba, formando os tritongos.

TRITONGO

1) /way/	[way'cu [?]]	'Bom dia'	/wayçu/
2) /yaw/	[yaw'iš [?]]	'tatu'	/yawiš/

Há casos em que o ditongo decrescente se duplica na sílaba seguinte como crescente quando a sílaba seguinte é formada por vogal.

[may'yaʔ] 'nome próprio' /maya/
 [so'mayyaʔ] 'moça' /su'maya/

Citamos exemplos das variações fonéticas possíveis com dados que trazem o elemento semivocálico (cf. NOTA 7 - p.27). A decisão por uma das variáveis fonéticas determinou o estabelecimento da divisão silábica destas palavras, e desta maneira estabelecemos os ditongos e tritongos listados neste capítulo. Convém ressaltar que a inclusão dos segmentos semivocálicos como fonemas consonantais merece tratamento mais amplo na seção referente à sílaba. (Vide 4.2-1).

O fonema semivogal palatal comporta um alofone nasal [ɲ] em contexto de vogal baixa nasalizada.

[ku'ɲẽ] 'braço' /kuyã/
 [kuɲẽŋ'gaʔ] 'grande' /kuyã'ka/

[may'ɲẽ tu'sa va'čĩnva,ʔeʔ] 'Mayá brigou com Tusá' (4)
 /maya/ + Nas. + /tusa/ + /vačĩ/ + /-vaʔi/
 'Mayá' 'Suj. 'Tusá' 'Verbo' 'Passado'
 Trans.'

Este é um caso de overlapping, já que o fonema nasal /n/ apresenta a variante palatal [ɲ] depois de vogal palatalizada (cf. 3.1-2.2). O fonema palatal semivocálico apresenta o mesmo segmento nasal [ɲ] quando antecede a vogal nasalizada [ẽ]. São, portanto, dois fonemas /y/ e /n/ que apresentam o mesmo alofone [ɲ] em contextos distintos: em contexto de vogal baixa nasalizada em caso de assimilação regressiva quando [ɲ] é alofone de /y/; e depois de vogal alta nasalizada em caso de assimilação progressiva quando [ɲ] é alofone de /n/.

3.1-3 — 3º GRUPO: FONEMA GLOTAL

O terceiro grupo inclui um único elemento que apresenta alofones em distribuição complementar.

/ʔ/ [ʔ] [h] [x]

3.1-3.1 — OCCLUSIVA GLOTAL

O fonema oclusivo glotal ocorre em início de sílaba inicial ou não inicial de palavra. Em início de palavra, ele se manifesta pela fricativa glotal; e em meio de palavra, pela oclusiva glotal.

[no'ʔaʔ]	'mingau'	/nuʔa/	[no'aʔ]	'rio'	/nua/
[ʂa'ʔiʔ]	'tamanduá'	/ʂaʔi/	[ʂa'iʔ]	'pássaro'	/ʂai/
[hĩ'paʔ]	'rabo'	/ʔĩna/	[ĩ'paʔ]	'animal'	/ĩna/

Foneticamente, o segmento oclusivo glotal pode ocorrer em todas as posições na palavra, tanto que ele é o travador silábico natural das palavras terminadas por vogal oral. Por isso não há razão para reconhecer a oclusiva glotal como lingüísticamente relevante nesta posição (cf. 2.1-1).

O segmento fonético oclusivo glotal também se apresenta como travador silábico em posição não final de palavra. Sua presença nesta posição pode estar associada a fatores de velocidade. Em estilo lento — característico ao início do discurso, por exemplo — a oclusiva glotal aparece, como se vê na transcrição de um discurso feito por Gilvan Müller de Oliveira, na palavra: [kaʔtu'kinaʔ] (cf. p.15). Na continuidade do mesmo discurso, se lê a transcrição para as repetições do mesmo termo: [katu'kinaʔ]. Se há variação entre a presença ou ausência da oclusão glotal em fim de sílaba não final de palavra, a ocorrência deste elemento nesta posição não permite

distinções lingüísticas.

Palavras iniciadas por vogal costumam vir antecedi-
das por oclusão glotal, mas neste contexto é possível também a
variação:

[ʔo'niʔ] ~ [o'niʔ] 'homem' /uni/

O fato de que a variação seja possível neste caso nos faz reconhecer o segmento oclusivo glotal antecedendo a vogal em início de palavra como uma característica fonética do Katukína. No entanto, quando uma palavra é iniciada por um segmento fonético fricativo glotal, este se faz lingüísticamente relevante e distingue palavras como:

[hi'viʔ] 'árvore' /ivi/ [i'viʔ] 'arraia' /ivi/

Quando palavras iniciadas por segmento glotal se distinguem de palavras iniciadas por vogal, é comum que o informante exagere na fricção, e o fonema glotal se manifesta pela fricativa velar. Neste caso, a variação entre a fricativa glotal e a fricativa velar atende à necessidade de explicitação fonológica; e associamos a fricativa glotal ao estilo menos tenso e cuidado, e a fricativa velar ao estilo mais tenso e cuidado.

[hu'noʔ] ~ [xu'noʔ] 'porco' /ʔunu/

Em início de palavra, há, portanto, que reconhecer o segmento fonético fricativo glotal como manifestação do fonema oclusivo glotal que contrasta palavras como:

[hi'miʔ] 'sangue' /ʔimi/ [vi'miʔ] 'fruta' /vini/

Em interior de enunciado, a pronúncia da fricativa glotal pode não se dar, conforme se vê nestas expressões que trazem o mesmo morfema em diferentes posições no enunciado.

[e'a o'no na'mi pi'a,ʔiʔ] 'eu como carne de porco'
 /ia/ + /ʔunu/ + /nami/ + /pi/ + /-aʔi/
 '1ª p.s.' 'porco' 'carne' 'Verbo' 'Presente'

[hu'nõ ka'pi a,kaʔ] 'o caititu matou o jacaré'
 /ʔunu/ + Nas. + /kapi/ + /aka/⁽⁵⁾
 'caititu' 'Suj.' 'jacaré' 'Verbo'
 'porco' Trans.'

Em início de sílaba não inicial de palavra, o fonema glotal distingue palavras como:

[tse'ʔoʔ]	'besouro'	/tsiʔu/	[te'oʔ]	'cigarra'	/tiu/
[tsa'ʔoʔ]	'osso'	/tsaʔu/	[ta'oʔ]	'paxiúba'	/tau/
[tse'ʔoʔ]	'besouro'	/tsiʔu/	[tɬ'oʔ]	'itaúba'	/tɬu/
[no'ʔoʔ]	'cacau'	/nuʔu/	[no'nõ]	'pato'	/nunũ/
[ta'ʔiʔ]	'pé'	/taʔi/	[ta'ʔiʔ]	'roupa'	/taʔi/
[no'ʔaʔ]	'mingau'	/nuʔa/	[no'vaʔ]	'pirarucu'	/nuva/

Reconhecemos, desta forma, um fonema glotal que comporta três alofones: oclusivo glotal em início de sílaba não inicial de palavra; fricativo glotal que varia com fricativo velar em início de sílaba inicial de palavra. O alofone fricativo do fonema glotal pode reduzir-se a zero em interior de enunciado.

3.1-4 — DADOS

Escolhemos dados que ilustram as oposições entre os fonemas consonantais do Katukína.

/p/

[ka'pa [?]]	'quatipuru'	/kapa/	[ka'mã]	'cachorro, onça'	/kamã/
[ka'pa [?]]	'quatipuru'	/kapa/	[ta'ma [?]]	'amendoim'	/tama/
[sũm'ba [?]]	'mamão'	/sũpa/	[nu'ma [?]]	'jurití'	/numa/
[pu'pu [?]]	'caboré'	/pupu/	[ðũŋ'gu [?]]	'embaúba'	/vũku/
[paw'a [?]]	'nome próprio'	/pawa/	[wa'pa [?]]	'coruja'	/wapa/

/t/

[te'o [?]]	'cigarra'	/tiu/	[ts e' [?] o [?]]	'besouro'	/tsi [?] u/
[ta'o [?]]	'paxiúba'	/tau/	[ts a' [?] o [?]]	'osso'	/tsa [?] u/
[tũm'ba [?]]	'carnau- binha'	/tũpa/	[šõm'ba [?]]	'melancia'	/šũpa/
[ta' ^ʎ ri [?]]	'roupa'	/ta ^ʎ ri/	[sa' ^v i [?]]	'prima'	/sav ^ʎ /
[tĩ'pũ]	'pescoço'	/tĩpũ/	[řu'ku [?]]	'macaco capelão'	/řuku/
[to' ^ʎ ro [?]]	'redondo'	/tu ^ʎ ru/	[no' [?] o [?]]	'cacau'	/nu [?] u/
[nõn'de [?]]	'canoa'	/nũti/	[no'nõ]	'pato'	/nunũ/
[tãŋ'go [?]]	'tracajá'	/tãku/	[nĩp' ^ʎ ja [?]]	'jiju'	/nĩ ^ʎ ca/

/k/

[ka'na [?]]	'arara'	/kana/	[ča'na [?]]	'japinim'	/čane/
[kãm'bo [?]]	'japó'	/kãpu/	[čãm'bo [?]]	'grilo'	/čãpu/
[ki'o [?]]	'maçaran- duba'	/kiu/	[či'i [?]]	'fogo'	/čii/

/k/

[ya'ka [?]]	'nome próprio'	/yaka/	[ya'ʔi [?]]	'abiorama'	/ya'ʔi/
[kãm'bo [?]]	'sapo'	/kãpu/	[hũm'bo [?]]	'micuim'	/ʔũpu/
[ku'ma [?]]	'nambu'	/kuma/	[hu'a [?]]	'flor'	/ʔua/

/ts/

[ts'e'ʔo [?]]	'besouro'	/tsiʔu/	[se'no [?]]	'ingazei- ro'	/sinu/
[mãn'dzoỹ]	'chifre'	/mãtsũy/	[sãn'zõ]	'jaca'	/sĩsũ/
[tsa'tsa [?]]	'peixe'	/tsatsa/	[ʔa'na [?]]	'japinim'	/ʔana/
[mãn'dzoỹ]	'chifre'	/mãtsũy/	[mãp'jis]	'unha'	/maçis/
[ts'e'tea,ʔe [?]]	'ele cheira'	/tsiti/ +/-aʔi/	[ʔe'tse [?]]	'arara cabeção'	/ʔitsi/
[a'tsa [?]]	'mandioca'	/atsa/	[a'ʂa [?]]	'tingui'	/aşa/
[ts'e'ʔo [?]]	'besouro'	/tsiʔu/	[ti'ʔo [?]]	'itaúba'	/tiu/

/ç/

[nãp'ja [?]]	'jiju'	/nãça/	[õn'dzo [?]]	'cuidado'	/ũtsu/
[ma'çayya [?]]	'cuiu'	/ma'çaya/	[tsa'tsa [?]]	'peixe'	/tsatsa/
[ʔu'na [?]]	'macaco barrigudo'	/çuna/	[so'mayya [?]]	'moça'	/su'maya/
[ʔa'na [?]]	'japinim'	/çana/	[ʔa'na [?]]	'quente'	/ʔana/
[çãm'bo [?]]	'grilo'	/çãpu/	[ʔa'çu [?]]	'calango'	/ʔavu/
[vi'çi [?]]	'ovo'	/viçi/	[vi'ʂi [?]]	'estrela'	/vişi/
[tãp'ju [?]]	'caju'	/tãçu/	[tãp'zo [?]]	'mapara- juba'	/tãsu/
[çãmbis'ça [?]]	'pequeno'	/çãpişça/	[kãm'bo [?]]	'sapo'	/kãpu/
[way'çu [?]]	'Bom dia'	/wayçu/	[hũp'gu [?]]	'embaúba'	/vũku/
[pãp'ju [?]]	'orelha'	/pãçu/	[tãp'go [?]]	'tracajá'	/tãku/
[piş'ça [?]]	'pequeno'	/pişça/	[pus'to [?]]	'estômago'	/pustu/

/s/

[ko'so [?]]	'cujumim'	/kusu/	[ko'šo [?]]	'boto'	/kušu/
[sũm'ba [?]]	'mamão'	/sũpa/	[šõm'pa [?]]	'melancia'	/šũpa/
[pus'to [?]]	'estômago'	/pustu/	[piš'čá [?]]	'pequeno'	/pišča/
[ři'sis]	'linha'	/řisis/	[vi'ší [?]]	'estrela'	/viši/
[ãn'zĩ]	'mutum'	/ãsi/	[õp'ži [?]]	'vermelho'	/ũsi/
[sa'vĩ [?]]	'prima'	/savĩ/	[ča'na [?]]	'japinim'	/čana/
[si'kĩ [?]]	'milho'	/siki/	[ti'pũ]	'pescoço'	/ti-pũ/
[sa'vĩ [?]]	'prima'	/savĩ/	[ša'bo [?]]	'calango'	/šavu/
[ku'kumis]	'candiru'	/ku'kumis/	[to'ʔoš]	'bacurau'	/tuʔuš/
[i'sa [?]]	'guandu'	/isa/	[a'ša [?]]	'tingui'	/aša/
[ko'so [?]]	'cujumim'	/kusu/	[ko'řo [?]]	'pica-pau'	/tuřu/
[če'se [?]]	'preto'	/čisi/	[če're [?]]	'periquito'	/čiri/
[ča'so [?]]	'pinto d'água'	/casu/	[no'nõ]	'pato'	/nunũ/

/š/

[ma'ší [?]]	'areia'	/maši/	[řisis]	'linha'	/řisis/
[šĩ'po [?]]	'macaco'	/šĩnu/	[se'no]	'ingazeiro'	/sinu/
[piš'čá [?]]	'pequeno'	/pišča/	[is'ko [?]]	'japó'	/isku/
[to'aš]	'seco'	/tuas/	[ři'čas]	'perna'	/řičas/
[šõm'pa [?]]	'melancia'	/šũpa/	[šãŋ'go [?]]	'nome próprio'	/šãku/
[ša'no [?]]	'surucucu'	/šanu/	[tsa'ʔo [?]]	'osso'	/tsaʔu/
[tãp'žo [?]]	'maparajuba'	/tãšu/	[tãp'ju [?]]	'caju'	/tãču/

/s/

[ʃe'tseʔ]	'arara cabeção'	/ʃitsi/	[senõŋ'gaŋoʔ]	'jaburu moleque'	/sinã'karu/
[a'ʃaʔ]	'tingui'	/aʃa/	[i'saʔ]	'guandu'	/isa/
[yaw'isʃ]	'tatu'	/yawisʃ/	[ři'sis]	'linha'	/řisis/
[ʃa'naʔ]	'quente'	/ʃana/	[ʃa'naʔ]	'japinim'	/čana/
[ʃa'õpsʃ]	'ariramba'	/ʃaãʃ/	[tsa'tsaʔ]	'mandioca'	/tsatsa/
[ki'ʃiʔ]	'coxa'	/kiʃi/	[ʃi'ʃiʔ]	'saúva'	/ʃiʃi/

/v/

[vaw'aʔ]	'papagaio'	/vawa/	[wa'kaʔ]	'água'	/waka/
[vɛ'naʔ]	'novo'	/vina/	[wa'paʔ]	'coruja'	/wapa/
[ɸo'oʔ]	'cabelo'	/vuu/	[pu'puʔ]	'caboré'	/pupu/
[vī'poʔ]	'buriti'	/vīnu/	[pī'poʔ]	'beija-flor, jaburu'	/pīnu/
[va'iʔ]	'surubim'	/vai/	[ma'iʔ]	'terra'	/mai/
[va'riʔ]	'dia, sol'	/vari/	[ma'kiʔ]	'piranha'	/maki/
[bũŋ'guʔ]	'embaúba'	/vũku/	[mãm'baʔ]	'barata'	/mãpa/
[hi'viʔ]	'árvore'	/řivi/	[hi'miʔ]	'sangue'	/řimi/

/m/

[ma'niʔ]	'banana'	/mani/	[wã'niʔ]	'pupunha'	/wãni/
[ma'puʔ]	'cabeça'	/mapu/	[wa'paʔ]	'coruja'	/wapa/
[maw'aʔ]	'sabiá'	/mawa/	[paw'aʔ]	'nome próprio'	/pawa/
[ta'maʔ]	'amendoim'	/tama/	[tɛ'pũ]	'pescoço'	/tɛpũ/
[maw'aʔ]	'sabiá'	/mawa/	[vaw'aʔ]	'papagaio'	/vawa/
[mi'viʔ]	'mão'	/miʃi/	[vɛ'řoʔ]	'olho'	/vɛřu/
[mãm'baʔ]	'barata'	/mãpa/	[bũŋ'guʔ]	'embaúba'	/vũku/

/n/

[nu'ma [?]]	'juriti'	/numa/	[ta'ma [?]]	'amendoim'	/tama/
[a'no [?]]	'paca'	/anu/	[ko'so [?]]	'cujumim'	/kusu/
[no'ki [?]]	'nós, gente'	/nukĩ/	[so'ki [?]]	'tucano'	/sukĩ/
[no'nõ]	'pato'	/nunũ/	[řo'řo [?]]	'farinha'	/řuřu/
[nay'čo [?]]	'andorinha'	/nayçu/	[ma'çu [?]]	'caissuma'	/maçu/
[nami'õ]	'nome próprio'	/nami'ã/	[ma'i [?]]	'terra'	/mai/
[õ'na [?]]	'boca'	/ãna/	[a'tsa [?]]	'mandioca'	/atsa/
[o'ni [?]]	'homem'	/uni/	[mǎp'jis]	'unha'	/mǎcis/

/r/

[řu'na [?]]	'nome próprio'	/řuna/	[no'va [?]]	'pirarucu'	/nuva/
[ya'ra [?]]	'homem branco'	/yara/	[õ'na [?]]	'boca'	/ana/
[ta'kařa [?]]	'galinha'	/ta'kařa/	[kuř [±] 'ti [?]]	'anzol'	/kuřĩ'ti/
[ku'řã]	'seringueira'	/kuřã/	[kũn'da [?]]	'coco açu'	/kũta/
[ta'ra [?]]	'lata'	/tara/	[a'tsa [?]]	'mandioca'	/atsa/
[řo'mi [?]]	'cigarro'	/řumi/	[ti'vi [?]]	'longe'	/tivi/

/w/

[way'çu [?]]	'Bom dia'	/wayçu/	[yaw'iš]	'tatu'	/yawiš/
[paw'a [?]]	'nome próprio'	/pawa/	[may'a [?]]	'nome próprio'	/maya/
[wa'ka [?]]	'água'	/waka/	[pa'ka [?]]	'espora'	/paka/
[wa'a [?]]	'roçado'	/waa/	[vaw'a [?]]	'papagaio'	/vawa/
[wa'i [?]]	'nome próprio'	/wai/	[va'i [?]]	'surubim'	/vai/
[aw'a [?]]	'anta'	/awa/	[a'mo [?]]	'sucuriju'	/amu/

/y/

[ya'kaʔ]	'nome próprio'	/yaka/	[wa'kaʔ]	'água'	/waka/
[kupãŋ'gaʔ]	'grande'	/kuyã'ka/	[sãn'zõ]	'jaca'	/sĩsũ/
[may'teʔ]	'chapéu'	/mayti/	[as'kaʔ]	'assim'	/aska/
[ʔo'ʔoỹ]	'tetéu'	/ʔuỹy/	[ku'kumis]	'candiru'	/ku'kumis/
[ka'nay]	'dourado'	/kanay/	[ay'õpš]	'cipó títica'	/ayãš/
[ku'pã]	'braço'	/kuyã/	[ma'çayyaʔ]	'cuiu'	/ma'çaya/

/?/

[ta'ʔiʔ]	'pé'	/taʔi/	[ma'kiʔ]	'piranha'	/makĩ/
[va'ʔiʔ]	'caminho'	/vaʔi/	[va'iʔ]	'surubim'	/vai/
[tsa'ʔoʔ]	'osso'	/tsaʔu/	[ta'oʔ]	'paxiúba'	/tau/
[no'ʔaʔ]	'mingau'	/nuʔa/	[hu'aʔ]	'flor'	/ʔua/
[tsa'ʔoʔ]	'osso'	/tsaʔu/	[taw'aʔ]	'cana brava'	/tawa/
[hũm'boʔ]	'micuim'	/ʔũpu/	[kãm'boʔ]	'sapo'	/kãpu/
[hu'aʔ]	'flor'	/ʔua/	[yu'aʔ]	'mãe'	/yua/
[hu'puʔ]	'mosquiteiro'	/ʔupu/	[wa'paʔ]	'coruja'	/wapa/

3.2 — FONEMAS VOCÁLICOS

O sistema vocálico do Katukína engloba quatro fonemas orais e quatro nasais. Trataremos separadamente as unidades fonológicas orais e nasais.

3.2-1 — FONEMAS VOCÁLICOS ORAIS

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTO	/i/	/ɨ/	/u/
BAIXO		/a/	

Os fonemas correspondentes ao grau de abertura mínima contrastam com o fonema de abertura máxima /a/, configurando um sistema triangular com três séries de localização e dois graus de abertura. A posição dos lábios não tem papel decisivo neste sistema, já que o fonema posterior se caracteriza pelo arredondamento dos lábios, e se opõe aos fonemas anterior e central não-arredondados.

ANTERIOR ALTO: /i/ [i] [e]

CENTRAL ALTO: /ɨ/ [ɨ]

CENTRAL BAIXO: /a/ [a]

POSTERIOR BAIXO: /u/ [u] [o]

Os fonemas vocálicos posterior e anterior apresentam alofones que equivalem à altura intermediária entre sons vocálicos de abertura máxima e mínima. Os fonemas centrais orais

não apresentam alofones.

[ʃi'ʃi [?]]	'saúva'	/ʃíʃi/	[ʧe'ʧe [?]]	'cascudo'	/ʧíʧi/
[pa'ka [?]]	'espora'	/paka/			
[ka'pɛ [?]]	'jacaré'	/kapi/	[mis'ko [?]]	'traíra'	/misku/
[pu'pu [?]]	'caboré'	/pupu/	[ʀo'ʀo [?]]	'farinha'	/ʀuʀu/

3.2-1.1 - FONEMAS POSTERIOR E ANTERIOR: COMPLEMENTAÇÃO ALOFÔNICA

Como os fonemas centrais não apresentam alofones em distribuição complementar, passamos a discutir a alofonia dos fonemas orais anterior e posterior.

Em Katukína, é possível ampla variação entre os sons médios e altos, alofones dos fonemas posterior e anterior. Esta variação é ampla, mas não é livre, pois alguns princípios regem a combinação destes elementos.

É comum, em Katukína, que as vogais de uma mesma palavra sejam pronunciadas com a mesma elevação da língua. São inúmeros os casos de palavras com vogais que se repetem em sílabas sucessivas. Isto nos faz pensar num tipo de harmonia vocálica, em que a qualidade da vogal de uma sílaba influencia a das sílabas que lhe segue. Trazemos alguns exemplos:

[ʀu'ku [?]]	'macaco capelão'	/ʀuku/	[ʃo'bo [?]]	'casa'	/ʃuvu/
[hu'pu [?]]	'mosquiteiro'	/ʎupu/	[so'no [?]]	'samaúma'	/sunu/
[vi'mi [?]]	'fruta'	/vimi/	[ʧe'se [?]]	'preto'	/ʧisi/

Se os fonemas anterior e posterior comportam duas variáveis alofônicas, e a harmonia vocálica rege a ocorrência destas variáveis, é possível encontrar então pelo menos duas variantes para o mesmo item lexical. São estas as seguintes formas que fazem parte de nossos dados:

[ʔru'kuʔ] ~ [ʔro'koʔ] 'macaco capelão' /ʔruku/
 [ʔce'seʔ] ~ [ʔci'siʔ] 'preto' /ʔcisi/

Mas não é esse o único princípio que rege o comportamento dos fonemas vocálicos. Há outra possibilidade que se orienta pela abertura do fonema da sílaba tônica. Nesta posição, as formas mais abertas são mais frequentes que as fechadas. Nós repetiremos as duas variantes já estabelecidas, e uma terceira que traz a variante aberta em sílaba tônica. Também são dados do nosso corpus:

[ʔru'nuʔ] ~ [ʔro'noʔ] ~ [ʔru'noʔ] 'cobra' /ʔrunu/
 [ʔce'seʔ] ~ [ʔci'siʔ] ~ [ʔci'seʔ] 'preto' /ʔcisi/

Estabelecemos, com isso, três possibilidades de variação alofônica para as palavras em que as sílabas comportam o mesmo fonema vocálico. Colocamos uma quarta possibilidade, seguida de asterisco, que não faz parte dos nossos dados:

[ʔru'nuʔ]	'cobra'	[ʔce'seʔ]	'preto'
[ʔro'noʔ]	/ʔrunu/	[ʔci'siʔ]	/ʔcisi/
[ʔru'noʔ]		[ʔci'seʔ]	
[ʔro'nuʔ]*		[ʔce'siʔ]*	

O quadro mostra restrições de ocorrência aos alofones [i] e [u] em sílaba tônica, já que estas variantes nunca ocorrem em tônica quando a vogal da átona for [e] e [o]. Por essa razão, dizemos que o alofone da tônica não é mais alto que o alofone da átona, quando a palavra comporta o mesmo fonema em sílabas sucessivas.

Até aqui examinamos os casos dos fonemas posterior e anterior em palavras em que o mesmo fonema se repetia. Agora trataremos das palavras que trazem fonemas distintos. Vejamos alguns exemplos:

[u'ni[?]] 'homem' /uni/ [ts e'[?]o[?]] 'besouro' /tsi[?]u/
 [ču'ki[?]] 'nome
 próprio' /čuki/ [se'no[?]] 'ingazeiro' /sinu/

Nestes exemplos a altura vocálica se conserva a mesma em todas as sílabas da palavra, sugerindo o tipo de harmonia vocálica exposto anteriormente. Mesmo em se tratando de fonemas distintos em sílabas sucessivas, a altura permanece a mesma nas duas variações possíveis:

[u'ni[?]] ~ [o'ne[?]] 'homem' /uni/
 [nũn'di[?]] ~ [nõn'de[?]] 'canoa' /nũti/

Nestes casos uma terceira variação é possível. Esta variação não se orienta por um princípio distribucional comum, e por essa razão devemos estabelecer as possibilidades de variação de cada elemento vocálico.

O alofone médio posterior [o] não oferece restrição de ocorrência para as variáveis alofônicas das sílabas a que se associa. Isto equivale a dizer que [o] em tônica se associa a [i] em átona, e [o] em átona se associa a [i] em tônica. Desta forma, estabelecemos as formas possíveis conforme a posição de [o] na sílaba da palavra, e colocamos o asterisco para a expressão que não faz parte dos dados:

[u'ni[?]] ~ [o'ne[?]] ~ [o'ni[?]] 'homem' /uni/
 [u'ne[?]]^{*}
 [is'ku[?]] ~ [es'ko[?]] ~ [is'ko[?]] 'japó' /isku/
 [es'ku[?]]^{*}

O alofone anterior de abertura média [e] apresenta restrições de ocorrência porque não ocorre em sílaba tônica nem átona quando a vogal da outra sílaba é [u].

O fato de alofones de alturas diferentes combinarem-se entre si impede que estabeleçamos um critério de distribuição

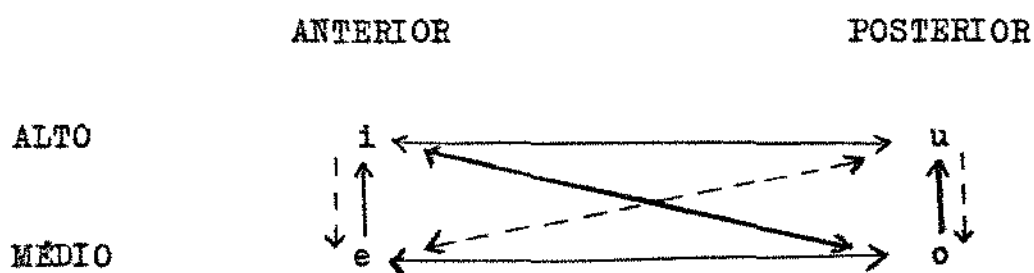
buição único que se oriente pela posição da sílaba na palavra. Por essa razão, apresentaremos a seguir as variantes possíveis, marcando com asterisco aquela que não se encontra no corpus. Estas formas trazem palavras com fonemas vocálicos diferentes.

[u'ni [?]]	'homem'	[nũn'di [?]]	'canoa'
[o'ne [?]]	/uni/	[nõn'de [?]]	/nũti/
[o'ni [?]]		[nõn'di [?]]	
[u'ne [?]]*		[nũn'de [?]]*	
[is'ku [?]]	'japó'	[tsi'ʔu [?]]	'besouro'
[es'ko [?]]	/isku/	[tse'ʔo [?]]	/tsiʔu/
[is'ko [?]]		[tsi'ʔo [?]]	
[es'ku [?]]*		[tse'ʔu [?]]*	

Para abarcar a complementação alofônica dos dois tipos de palavra — palavras com o mesmo fonema vocálico, e com fonemas vocálicos diferentes — colocamos num quadro as combinações possíveis, marcando com asterisco aquela que não consta dos dados.

[pus'tu [?]]	'estômago'	[ʎi'si [?]]	'preto'
[pos'to [?]]	/pustu/	[ʎe'se [?]]	/ʎisi/
[pus'to [?]]		[ʎi'se [?]]	
[pos'tu [?]]*		[ʎe'si [?]]*	
[nũn'di [?]]	'canoa'	[is'ku [?]]	'japó'
[nõn'de [?]]	/nũti/	[es'ko [?]]	/isku/
[nõn'di [?]]		[is'ko [?]]	
[nũn'de [?]]*		[es'ku [?]]*	

Resumimos, num quadro, as possibilidades de ocorrência dos alofones dos fonemas posterior e anterior. Este quadro se lê da seguinte maneira: as linhas verticais se relacionam a palavras formadas pelo mesmo fonema, e partem do elemento da sílaba tônica apontando com a flecha o elemento da átona a que ele se combina. As linhas tracejadas indicam restrição de ocorrência, e as linhas horizontais ou inclinadas relacionam elementos de palavras com fonemas distintos.






Este quadro traz duas flechas em direção aos alofones [i] e [o] que não indicam restrição de ocorrência quando se trata de palavras que comportam fonemas distintos. Nossos dados demonstram que os alofones [i] e [o] são numericamente mais frequentes que [e] e [u] em qualquer posição na palavra. Isto nos faz propor um sistema vocálico em que os fonemas sejam representados pelo alofone que oferece menos restrição de combinação. Reformulamos, então, o sistema triangular com dois graus de abertura, proposto anteriormente, e apresentamos um sistema com três graus de abertura, onde o fonema posterior ocupa o espaço referente à altura intermediária.

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTO	i	ɨ	
MÉDIO			o
BAIXO		a	

Os alofones médios [e] e [o] são mais frequentes em tônica, quando se trata de palavras em que o mesmo fonema se repete. Estas formas condizem também com o estilo mais cuidado, já que estas variantes aparecem na repetição de um mesmo termo. Exemplo:

[va'rĩ?] ~ [va'rẽ?] 'sol, dia' /varĩ/
 [tãp'zũ?] ~ [tãp'zõ?] 'maparajuba' /tãsũ/

Isto nos faz formular outra hipótese de um sistema triangular com três graus de abertura. Este sistema também mostra espaços vazios, onde os fonemas se dispõem de maneira assimétrica.

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTO		±	
MÉDIO	e		o
BAIXO		a	

Se consideramos a variante comum aos dois sistemas, temos que reconhecer que o fonema posterior se manifesta mais comumente pelo alofone de altura média. Como a altura dos fonemas posterior e anterior não coincidem nos dois quadros, deixamos estas sugestões de um sistema com três graus de abertura como proposições a serem questionadas para a esquematização dos fonemas vocálicos do Katukína.

3.2-2 — FONEMAS VOCÁLICOS NASAIS

<u>ANTERIOR ALTO:</u>	/ĩ/	[ĩ]	[ẽ]
<u>CENTRAL ALTO:</u>	/ĩ̃/	[ĩ̃]	
<u>CENTRAL BAIXO:</u>	/ã/	[ã]	
<u>POSTERIOR ALTO:</u>	/ũ/	[ũ]	[õ]

Os fonemas vocálicos nasais apresentam distribuição diversa dos fonemas orais. O fonema central alto /ã/ realiza-se foneticamente como médio.

[ka'mẽ]	'cachorro, onça'	/kamã/
[tãp'ju?]	'caju'	/tã̃cu/

Os fonemas posterior e anterior apresentam também a variante média em contextos que merecem explicitação. A distribuição complementar dos fonemas nasais posterior e anterior se guia, basicamente, pela harmonia vocálica. Primeiramente é importante que se diga que [ẽ] só aparece em um exemplo, quando o alofone da sílaba tônica é [õ]. A variante [ĩ] do fonema anterior ocorre nos demais ambientes. Exemplos:

[sẽn'zõ]	'jaca'	/sĩsũ/	[õn'zĩ]	'mutum'	/ãsí/
----------	--------	--------	---------	---------	-------

O princípio de harmonia vocálica se observa quando a vogal se manifesta em sílaba tônica com a mesma altura da vogal da sílaba átona.

[tĩ'pũ]	'pescoço'	/tĩpũ/	[ĩĩ'kĩ]	'nariz'	/rĩkĩ/
---------	-----------	--------	---------	---------	--------

Este princípio não explica apenas estes exemplos, mas também a presença de [õ] em átona quando a tônica é [ã]. A abertura da vogal da tônica influencia a abertura do fonema

posterior nasal.

[s̃õm'baʔ] 'melancia' /s̃ũpa/ [sõm'baʔ] 'mamão' /sũpa/

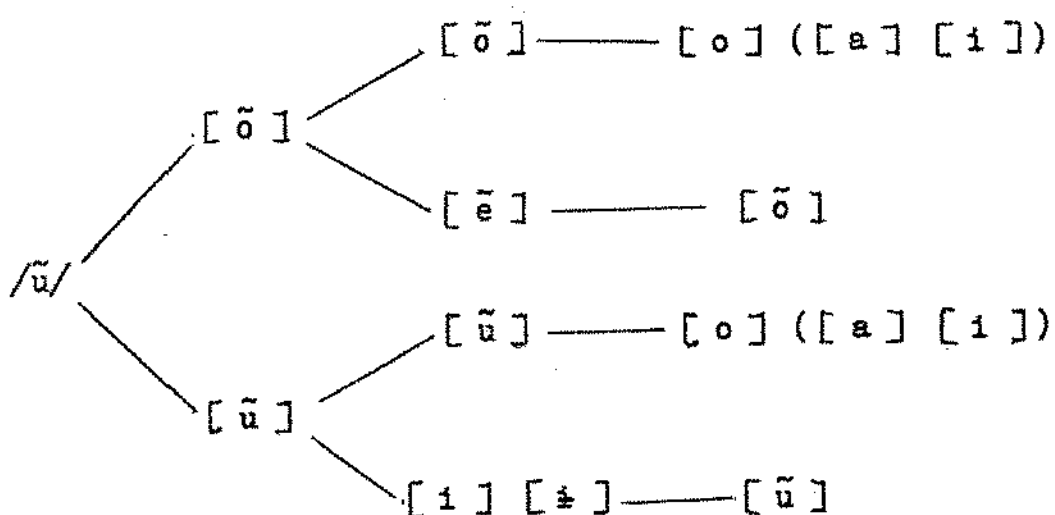
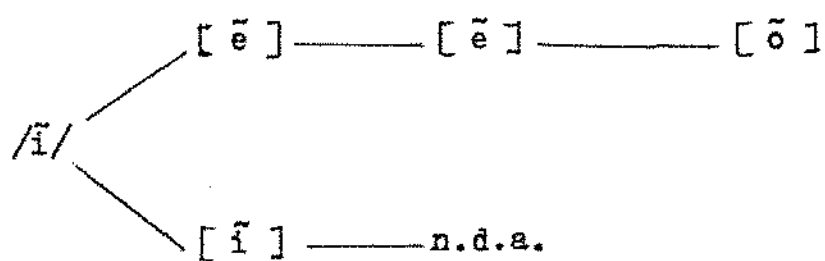
É possível também que a consoante determine a presença das variáveis alofônicas:

[b̃ũŋ'guʔ]	'embaúba'	/vũku/
[õn'dzoʔ]	'cuidado'	/ũtsu/
[mĩp'jĩ]	'pequeno'	/mĩçĩ/
[hũm'boʔ]	'micuim'	/ʔũpu/
[s̃ĩ'poʔ]	'macaco'	/s̃ĩnu/
[no'nõ]	'pato'	/nunũ/

Como os fonemas vocálicos nasais se associam a fonemas orais, e estes se comportam da maneira exposta anteriormente (cf. 3.2-1.1), estabelecemos as combinações possíveis que trazem os fonemas orais em sílaba tônica.

[b̃ũŋ'guʔ]	~	[b̃õŋ'goʔ]	~	[b̃ũŋ'goʔ]	'embaúba'	/vũku/
[õn'dzoʔ]	~	[ãn'dzuʔ]	~	[ãn'dzoʔ]	'cuidado'	/ũtsu/
[ãp'ziʔ]	~	[õp'zeʔ]	~	[õp'ziʔ]	'vermelho'	/ũsi/

Para a esquematização alofônica dos fonemas nasais posterior e anterior, resumimos nossas observações em um quadro em que as variáveis estão assinaladas entre parênteses.

SÍL. ÁTONASÍL. TÔNICA

Este quadro mostra que a variante alta do fonema anterior [ĩ] oferece uma única restrição combinatória quando [õ] faz parte da tônica. O alofone alto do fonema posterior [ũ] apresenta as mesmas possibilidades de combinação que [õ] em átona. Só registramos um caso de [õ] em tônica, enquanto que [ũ] pode associar-se a vários elementos quando ele ocupa a sílaba tônica. As possibilidades distribucionais das formas altas nasais são, portanto, mais amplas que a das formas médias.

Um argumento a favor da distinção entre fonemas vocálicos orais e nasais se deve à existência de ditongos nasais que se opõem a ditongos orais. Vejam-se as oposições:

DITONGO CRESCENTE

	<u>NASAL</u>			<u>ORAL</u>		
a)	/yã/	[ku'jã] /kuyã/	'braço'	/ya/	[ya'ka?] /yaka/	'nome próprio'
b)	/yũ/	[yõŋ'ga?] /yũka/	'goiaba'	/yu/	[yosa'bu?] /yusa'vu/	'velha'

DITONGO DECRESCENTE

	<u>NASAL</u>			<u>ORAL</u>		
a)	/ãy/	[ts oy'tsãj̃p] /ts uytsãj̃/	'reto'	/ay/	[may'te?] /mayti/	'chapéu'
b)	/ũy/	[řo'řoỹ] /řuřũy/	'tetéu'	/uy/	[ts oy'tsãj̃p] /ts uytsãj̃/	

Temos um caso em que um ditongo oral seguido de vogal oral se opõe a um ditongo oral decrescente seguido de vogal nasal.

/aw/ [maw'a?] 'sabiá' /mawa/ [saw'ã] 'arara vermelha' /sawã/

Considere-se outra oposição possível entre:

[a'kuỹ] 'matrinchã' /akũy/ [bu'i?] 'irumatã' /vui/

A necessidade de distinção entre fonemas vocálicos orais e nasais se comprova, também, pelos seguintes exemplos:

[ka'mẽ]	'cachorro, onça'	/kamã/	[ku'maʔ]	'nambu'	/kuma/
[no'nõ]	'pato'	/nunũ/	[no'ʔoʔ]	'cacau'	/nuʔu/
[čãm'boʔ]	'grilo'	/čãpu/	[ša'boʔ]	'calango'	/šavu/
[ku'pẽ]	'braço'	/kuyã/	[kũn'daʔ]	'coco açu'	/kũta/

Nossa determinação pela distinção entre fonemas orais e nasais encontra outras justificativas que serão tratadas no capítulo que se segue (vide 4.2-1).

3.2-3 — DADOSFONEMAS VOCÁLICOS ORAIS

/u/: /i/

[so'no [?]]	'samaúma'	/sunu/	[se'no [?]]	'ingazeiro'	/sinu/
[si'ki [?]]	'milho'	/siki/	[so'ki [?]]	'tucano'	/suki/
[tse'ʔo [?]]	'besouro'	/tsi [?] u/	[tso'ʔo [?]]	'pulga'	/tsu [?] u/
[no'ĩ]	'minhoca'	/nuĩ/	[no'ʔo [?]]	'cacau'	/nu [?] u/
[ta'ʔe [?]]	'pé'	/ta [?] i/	[ta'o [?]]	'paxiúba'	/tau/

/u/: /ɛ/

[a'mo [?]]	'sucuri ju'	/amu/	[a'mi [?]]	'capivara'	/ami/
[ʃa'bo [?]]	'calango'	/ʃavu/	[sa'vi [?]]	'prima'	/savi/
[ma'pu [?]]	'cabeça'	/mapu/	[ma'ki [?]]	'piranha'	/maki/

/u/: /a/

[to'ʔo [?]]	'redondo'	/tu [?] u/	[ta'ʔa [?]]	'lata'	/ta [?] a/
[i'so [?]]	'macaco preto'	/isu/	[i'sa [?]]	'guandu'	/isa/
[a'no [?]]	'paca'	/anu/	[ẽ'na [?]]	'boca'	/ãna/
[no'ʔo [?]]	'cacau'	/nu [?] u/	[no'ʔa [?]]	'mingau'	/nu [?] a/
[ʔu'ku [?]]	'macaco capelão'	/ʔuku/	[ʔu'ka [?]]	'macaco paraacu'	/ʔuka/

/ɛ/: /a/

[ka'pi [?]]	'jacaré'	/kapi/	[ka'pa [?]]	'quatipuru'	/kapa/
[ku'ki [?]]	'paneiro'	/kuki/	[ku'ka [?]]	'tio'	/kuka/
[no'ki [?]]	'nós, gente'	/nuki/	[nu'ka [?]]	'amarelo'	/nuka/

/ɛ/: /i/

[ka'pɛ̃]	'jacaré'	/kapɛ̃/	[ka'pi]	'café'	/kapi/
[tse'ʔo]	'besouro'	/tsi'ʔu/	[tɛ̃'o]	'itaúba'	/tɛ̃u/
[a'mi]	'amarelim'	/ami/	[a'mɛ̃]	'capivara'	/amɛ̃/
[ʔro'ni]	'nome próprio'	/ʔruni/	[ʔro'mɛ̃]	'cigarro'	/ʔrumɛ̃/

/i/: /a/

[no'ĩ]	'minhoca'	/nuĩ/	[no'a]	'rio'	/nua/
[ni'i]	'nome próprio'	/ni/	[ne'a]	'jacamim'	/nia/
[ta'ri]	'roupa'	/taʔri/	[ta'ra]	'lata'	/taʔra/

FONEMAS VOCÁLICOS NASAIS

/ĩ/: /i/

[ʔɛ̃'kĩ]	'nariz'	/ʔikĩ/	[ʔsa'i]	'pássaro'	/sai/
[mĩp'ʔĩ]	'pequeno'	/mĩ'ʔi/	[vi'ʔi]	'ovo'	/vi'ʔi/
[vi'ĩ]	'caucho'	/viĩ/	[va'i]	'surubim'	/vai/

/ɛ̃/: /ɛ̃/

[wa'pɛ̃]	'piauí'	/wapɛ̃/	[ay'pɛ̃]	'jarina'	/aypɛ̃/
[mɛ̃'kɛ̃]	'nome próprio'	/mɛ̃kɛ̃/	[ma'kɛ̃]	'piranha'	/makɛ̃/
[nɛ̃p'ʔa]	'jiju'	/nɛ̃'ʔa/	[pɛ̃'ri]	'paxiubinha'	/pɛ̃ri/

/ũ/: /u/

[tɛ̃'pũ]	'pescoço'	/tɛ̃pũ/	[ma'pu]	'cabeça'	/mapu/
[ʔra'õn'de]	'remédio'	/ʔra'õti/	[ʔrua'pa]	'bonito'	/ʔrua'pa/
[õn'dzo]	'cuidado'	/õtsu/	[no'va]	'pirarucu'	/nuva/

/ã/: /a/

[ãn'zi]	'mutum'	/ãsi/	[a'şã?]	'tingui'	/aşa/
[ay'ãş]	'cipó titica'	/ayãş/	[to'aş]	'seco'	/tuas/
[tãp'ju?]	'caju'	/tãçu/	[ma'çu?]	'caissuma'	/maçu/

NOTAS DO CAPÍTULO III

- (1) Este dado foi colhido em conversação livre entre uma índia e nós. Como ela percebeu que não havíamos compreendido a expressão, repetiu-a pronunciando de maneira mais pausada em que a variante surda se fez presente.
- (2) Consideramos /-us-/ afixo referente a aspecto verbal que não sabemos precisar. Por isso, a alusão a 'Tempo'.
- (3) O som colocado entre parênteses equivale a alofone em posição pré-vocálica. Os sons colocados entre dois parênteses equivalem à alofonia em posição pós-vocálica. Um som intermediário [p̥] ocupa as duas posições silábicas.
- (4) A nasalização do morfema nominal sujeito 'Mayá' será tratada no capítulo final. (Vide 5.2-6.1).
- (5) A explicação do sujeito assinalado pela nasalização se faz no último capítulo. (Vide 5.2-6.1).

CAPÍTULO IV

SÍLABA

SÍLABA

Nosso objetivo neste capítulo é discutir posições enunciadas no capítulo anterior, tais como a inclusão das semi vogais dentre os fonemas consonantais, a inclusão da fricativa retroflexa como integrante do primeiro grupo de fonemas consonantais, e a distinção entre unidades fonológicas vocálicas orais e nasais. Estes casos nos parecem problemáticos, e por essa razão agregamos este capítulo que se refere, resumidamente, à sílaba e ao acento das palavras Katukína.

4.1 — ACENTO

A maioria das raízes nominais são formadas por duas sílabas em que a última é acentuada. Nossa análise focaliza, basicamente, raízes bissilábicas, e estabelece o esquema acentual padrão: (C)V(C)'(C)V(C). O acento é fixo, e, portanto, não vem marcado nas nossas transcrições fonológicas.

As palavras com mais de duas sílabas podem trazer o acento na última, penúltima ou antepenúltima sílaba.

4.1-1 — PALAVRAS DE TRÊS SÍLABAS

Não sabemos dizer se as palavras de três sílabas são formadas por um ou mais de um morfema lexical. Vamos considerá-las, no entanto, como uma raiz monomorfemática.

A tendência normal das palavras de três sílabas é de acento na última sílaba. Há exemplos, no entanto, de acento na penúltima e na antepenúltima sílabas.

[říski'ti [?]]	'terçado'	/říski'ti/
[tu'pari [?]]	'pacu'	/tu'pari/
['ãnipa [?]]	'grande'	/'ãnipa/

Há casos de oscilação no esquema acentual, condicionada por fatores de velocidade e estilo, em palavras como:

[ta'kařa [?]]	~	[taka'ra [?]] ⁽¹⁾	'galinha'	/ta'kařa/
[mas'kiti [?]]	~	[maski'ti [?]]	'piquiarana'	/mas'kiti/

Ainda que assinalemos o acento das palavras de três sílabas pelo acento mais freqüente em nosso corpus, recordamos que a tendência fonética destas palavras é trazer a última sílaba acentuada.

4.1-2 — PALAVRAS DE QUATRO SÍLABAS

A maior parte das palavras de quatro sílabas apresentam duas sílabas acentuadas: a última e a antepenúltima. As duas sílabas acentuadas sugerem dois morfemas constitutivos das palavras de quatro sílabas.

[a'muta'řa [?]]	'poronga' ⁽²⁾	/amu/ + /tařa/
/amu tařa/	'luz' 'lata'	
[na'io'řo [?]]	'nuvem'	/nai/ + /uřu/
/nai uřu/	'céu' 'branco'	
[aw'ařu'no [?]]	'jararaca'	/awa/ + /řunu/
/awa řunu/	'anta' 'cobra'	

Há alguns exemplos de palavras de quatro sílabas com acento na penúltima sílaba. Não sabemos precisar o número de morfemas que constituem os seguintes exemplos:

[vawa'rĩzõ]	'maracujá do mato'	/vawa'rĩsã/
[senõŋ'gařo [?]]	'jaburu moleque'	/sinã'kařu/

4.2 — SÍLABA

São quatro os tipos silábicos do Katukina: dois tipos de sílabas abertas — V e CV, e dois de sílabas fechadas — VC e CVC.

Não há restrições quanto à posição destas sílabas na palavra, assim como não há casos de consoantes ou vogais seguidas na mesma sílaba. Os fonemas fricativos e semivocálicos ocupam as posições de travadores silábicos. Exemplos:

V					
[i'so [?]]	'guandu'	/i.su/ ⁽³⁾	[či'i [?]]	'fogo'	/ci.i/
		V			V
CV					
[pu'pu [?]]	'caboré'	/pu.pu/	[yõŋ'ga [?]]	'goiaba'	/yũ.ka/
		CV CV			CV CV
VC					
[is'ko [?]]	'japó'	/is.ku/	[to'aš ^v]	'seco'	/tu.aš ^v /
		VC			VC
[aw'a [?]]	'anta'	/aw.a/			
		VC			
CVC					
[may'te [?]]	'chapéu'	/may.ti/	[ka'nay]	'dourado'	/ka.nay/
		CVC			CVC
[pus'to [?]]	'estômago'	/pus.tu/	[ři ^v čas]	'perna'	/ři.čas/
		CVC			CVC

4.2-1 — SEGMENTOS FONOLÓGICOS PROBLEMÁTICOS

Tratamos aqui as unidades fonológicas que merecem discussão quanto à classificação apresentada anteriormente: semivogais, fricativa retroflexa e fonemas vocálicos nasais.

Iniciamos nosso assunto pelas semivogais. Observamos, anteriormente, que alguns dados fonéticos que comportam semivogais apresentam variáveis fonéticas (cf. nota 7, p. 27) e que nossa análise não explora a silabização destas palavras. Optamos, então, pela variável mais freqüente que equivale à última forma transcrita a seguir:

[aw'wa[?]] ~ [aw'a[?]] 'anta'
 [wai'cu[?]] ~ [way'cu[?]] 'Bom dia'

Baseando-nos na forma fonética mais freqüente, partimos para os tratamentos fonológicos possíveis. Se admitimos as semivogais como unidades vocálicas teríamos de admitir o desdobramento dos ditongos em duas sílabas fonológicas (transcrição fonológica apresentada na segunda coluna) ou seqüências vocálicas na mesma sílaba (na primeira coluna).

a) V^V

[aw'a[?]] 'anta' /a^u.a/* ou /a.u.'a/*

b) V^V

[ya'ka[?]] 'nome próprio' /ⁱa.ka/* ou /i.a.'ka/*

c) CV^V

[may'te[?]] 'chapéu' /maⁱ.ti/* ou /ma.i.'ti/*

d) V^VV

[way'cu[?]] 'Bom dia' /^uaⁱ.cu^v/* ou /wa.i.'cu/*

e) V^VC

[ki^vus'ka] 'todos' /kiⁱ.us.'ka/* ou /ki.i.us.'ka/*

f) C^vV[ts ya 'su[?]] 'veado' /tsⁱa.su/* ou /tsi.a.'su/

A interpretação fonológica da segunda coluna (à direita) não implica aumento dos padrões silábicos do Katukína, já que implica aumento no número de sílabas da palavra. As transcrições fonológicas da primeira coluna (à esquerda) implicam aumento nos padrões silábicos do Katukína, e admitem seqüências de vogais silábicas e assilábicas. Considerar as semivogais como unidades vocálicas assilábicas acarreta o aumento dos padrões silábicos do Katukína, pois às quatro sílabas fonológicas estabelecidas se acrescentariam estas seis determinadas aqui. Por essa razão, não julgamos econômicas as interpretações da primeira coluna (à esquerda).

O desdobramento fonológico dos ditongos (segunda coluna) não fere os padrões silábicos do Katukína, mas acresce uma sílaba a dados com duas sílabas fonéticas (vejam-se os quatro primeiros exemplos da segunda coluna). Propomos tratar as semivogais como unidades fonológicas consonantais, e desta maneira interpretamos os dados pelos padrões silábicos já estabelecidos.

a) VC

[aw'a[?]] 'anta' /aw.a/

b) CV

[ya'ka[?]] 'nome próprio' /ya.ka/

c) CVC

[may'te[?]] 'chapéu' /may.ti/[way'č[?]u[?]] 'Bom dia' /way.č[?]u/[kɨyus'ka[?]] 'todos' /kɨ.yus.'ka/

d) CV.V

[ts ya 'so[?]] 'veado' /tsi.a.'su/

Os três primeiros itens incluem, basicamente, palavras com duas sílabas com a última acentuada. Este é o padrão acentual mais freqüente das raízes morfológicas do Katukína. E por que considerá-las palavras de três sílabas se estes exemplos se enquadram no padrão acentual mais comum das palavras de duas sílabas? Esta pergunta introduz a questão do esquema acentual das palavras de três sílabas, e trata de explicar o quarto item relativo ao morfema 'veado'.

Dissemos, neste capítulo, que as palavras de três sílabas costumam trazer a última sílaba acentuada. E no caso específico da sílaba fonética C^VV optamos por postular duas sílabas fonológicas, em que a vogal fonológica alta se realiza brevemente. Este tratamento se baseia na tendência fonética de redução da vogal alta da sílaba pré-tônica das palavras de três sílabas. Vejam-se exemplos:

[sap ^u 'ka [?]]	'socó'	/sa.pu.'ka/
[hič ^{vi} 'vi [?]]	'sapota'	/?i.či.'vi/
[naš ^{vi} 'va [?]]	'largo'	/na.š'i.'va/
[kur ^{ti} 'ti [?]]	'anzol'	/ku.ři.'ti/

A sílaba pré-tônica do morfema relativo a 'veado' é composta pela vogal de abertura máxima que se realiza como sílábica, formando ditongo fonético com a vogal de abertura mínima que a antecede. Esta é a tendência fonética de redução da vogal alta que antecede a tônica, que faz com que reformulemos a proposta de consideração das semivogais como unidades fonológicas consonantais. Neste caso específico dizemos que o elemento semivocálico [y] é considerado unidade fonológica vocálica quando não há outro elemento consonantal em posição pré-vocálica na mesma sílaba da palavra. Nos demais casos as semivogais são tratadas como consoante fonológica. Esta interpretação exclui, pois, a possibilidade de encontros consonantais e vocálicos, e não fere os padrões acentuais estabelecidos neste capítulo. Repetimos a transcrição:

[tsya'so [?]]	'veado'	/tsi.a.'su/
--------------------------	---------	-------------

Passemos agora ao problema da distinção dos fonemas vocálicos orais e nasais. Classificamos as vogais nasais como unidades distintas dos correlatos orais por dois motivos: existência de ditongos orais e nasais, e contraste entre palavras com vogais orais e nasais. Poderíamos, entretanto, considerar os fonemas vocálicos como orais, e as formas nasalizadas como vogais orais seguidas por consoantes nasais. As nasais participariam, então, juntamente com as fricativas e semivogais, dos travadores silábicos do Katukína. Dois exemplos, contudo, recomendam que se examine esta questão:

[ʃa'ãp̃ʃ] 'ariramba'
 [ay'ãp̃ʃ] 'cipó titica'

Estes dados trazem duas margens silábicas, e lembramos que não se admitem consoantes seguidas nas sílabas Katukína.

A nasalização da vogal, nestes casos, se manifesta do mesmo modo que a nasalização vocálica em meio de palavra. Isto possibilita a interpretação de que a sílaba fonética final se desdobra em duas sílabas fonológicas, conforme se vê em:

[ʃa'ãp̃ʃ] 'ariramba' /ʃa.'an.ʃi/*
 [ay'ãp̃ʃ] 'cipó titica' /ay.'an.ʃi/*

Para que discutamos a aceitabilidade desta opinião, devemos comparar exemplos que se relacionam a nível acentual. Estas versões fonológicas trazem uma sílaba fonológica pós-tônica em que a vogal alta se realiza brevemente. Este comportamento fonético não é habitual ao Katukína, visto que temos exemplo de sílaba que inclui a vogal alta em posição pós-tônica.

[ãmba'piʃi¹] 'surucucu do rabo branco' /ã.pa.'pi.ʃi/

Buscamos a comparação de palavras de três sílabas com acento na penúltima sílaba para certificarmos a possibili-

dade de analogia.

[ku'kumis]	'candiru'	/ku.'ku.mis/
[ʃa'ãps̃]	'ariramba'	/ʃa.'an.ʃi/*

Esta versão admite o desdobramento da sílaba travada por fricativa. E se tratamos a sílaba fechada formada por vogal nasal desta maneira, procederemos de igual modo com sílabas formadas por vogal oral.

[to'ʔos̃]	'bacurau'	/tu.'ʔu.ʃi/*
[ma'pas̃]	'bacuri'	/ma.'pa.ʃi/*
[yaw'is̃]	'tatu'	/yaw.'i.ʃi/*
[to'aś]	'seco'	/tu.'a.ʃi/*
[ri'cas̃]	'perna'	/ri.'ca.si/*
[ri'sis̃]	'linha'	/ri.'si.si/*

Esta lista traz o mesmo tratamento fonológico para sílabas travadas por fricativas, e recordamos que a razão para este procedimento se devia ao comportamento fonético da nasalização vocálica em meio de palavra. Nesta posição, a vogal nasalizada é seguida pela consoante nasal homorgânica à consoante que lhe segue. Mas também registramos exemplos em que a vogal nasalizada se desenvolve em uma consoante nasal em contexto de pausa (cf. 3.1-2.2, p.37). Isto possibilita a reformulação de que há sílabas com vogais orais e nasais travadas por fricativas.

[ʃa'ãps̃]	'ariramba'	/ʃa.ãś/
[ay'ãps̃]	'cipó titica'	/ay.ãś/

A hipótese do desdobramento fonológico das sílabas fonéticas finais destas palavras nos servia, em um estágio de nossa análise, a resolver o problema da classificação da fricativa retroflexa quando julgávamos a conveniência de admitir a complementação entre [\check{s}] e [$\check{\zeta}$]. A razão desta hipótese se baseava na não ocorrência da variante sonora em ambiente nasal que asseguraria a [\check{s}] seu lugar dentre os fonemas fricativos do primeiro grupo. Mas assegurar que o segmento fricativo em fim de sílaba se manifesta como surdo, quando não se tem aporte de recursos experimentais mais sofisticados, nos parece uma afirmação arriscada, pois a percepção deste elemento nesta posição determinada pode ser imprecisa. É mais cuidadoso, portanto, estabelecer três unidades fonológicas fricativas, e reconhecer que a inclusão de / \check{s} / entre os fonemas do primeiro grupo não exclui a possibilidade de que se encontre a variante sonora em contexto nasal.

Os dados de [s], [\check{s}] e [$\check{\zeta}$] em final de palavra apontam a necessidade do contraste e da reformulação fonológica da lista apresentada anteriormente.

[to'ʔo \check{s}]	'bacurau'	/tu.ʔu \check{s} /
[ma'pa \check{s}]	'bacuri'	/ma.pa \check{s} /
[yaw'i \check{s}]	'tatu'	/yaw.i \check{s} /
[to'a \check{s}]	'seco'	/tu.a \check{s} /
[ri' \check{c} as]	'perna'	/ri. \check{c} as/
[ri' \check{s} is]	'linha'	/ri. \check{s} is/

Se acresce a esta razão o fato de que as incidências de [\check{s}] e [$\check{\zeta}$] diante das vogais [a] e [i] equivalem-se numericamente:

[i' \check{v} sa $\check{?}$]	'avô'	/i. \check{v} sa/	[a' $\check{\zeta}$ sa $\check{?}$]	'tingui'	/a. $\check{\zeta}$ sa/
[\check{v} sa'i $\check{?}$]	'pássaro'	/ \check{v} sa.i/	[$\check{\zeta}$ sa' $\check{?}$ i $\check{?}$]	'tamanduá'	/ $\check{\zeta}$ sa. $\check{?}$ i/
[\check{v} si' \check{v} si $\check{?}$]	'saúva'	/ \check{v} si. \check{v} si/	[ki' $\check{\zeta}$ si $\check{?}$]	'coxa'	/ki. $\check{\zeta}$ si/

De acordo com esta opinião, excluimos a sílaba VCC das sílabas padrão do Katukína, e conferimos à fricativa retroflexa um tratamento que lhe especifica o lugar ao lado das demais unidades fonológicas fricativas do Katukína.

NOTAS DO CAPÍTULO IV

- (1) Devemos o exemplo [taka'ra[?]] a Gilvan Müller de Oliveira. Em nossos dados, temos sempre [ta'ka[?]ra[?]] que expressa a interpretação fonológica adotada.
- (2) 'Poronga' designa um tipo de lamparina que o seringueiro utiliza na extração da borracha.
- (3) . indica divisão silábica.

CAPÍTULO V

NASALIZAÇÃO VOCÁLICA

NASALIZAÇÃO VOCÁLICA

Nossa intenção com a inclusão deste capítulo é entender a descrição fonológica do Katukína a outros níveis linguísticos. Nossa pergunta central é se uma particularidade fônica — a nasalização vocálica —, que se mostra relevante no campo da fonologia segmental, também ganha relevo a níveis sintático e morfológico em Katukína.

O fenômeno da nasalização vocálica tem sido tema especial de estudiosos das línguas Páno⁽¹⁾. Os artigos publicados nos chamaram a atenção para que averiguássemos se a nasalização vocálica participa como índice de determinação do sujeito de alguns morfemas lexicais do Katukína. Este questionamento inicial serve de base para a comparação do Katukína a outras línguas Páno já estudadas.

Mesmo que a morfologia não tenha sido assunto desta dissertação, recolhemos alguns dados que ilustram como a nasalização vocálica parece ser um dos fatores a participar da união de morfemas pessoais e nominais em certas expressões do Katukína.

5.1 — NÍVEL MORFOFONÊMICO

Dada a extensão da matéria, selecionamos as formas pessoais de primeira pessoa do singular e plural e de segunda pessoa do singular em construções possessivas do tipo: "meu peixe", "tua casa". Nossa hipótese inicial é que a variação do padrão acentual e a nasalização vocálica são fatores que parecem concorrer para a união de morfemas pessoais e nominais neste tipo de construção.

5.1-1 — MORFEMA PESSOAL: FORMA BÁSICA

Partimos dos morfemas pessoais pronunciados isoladamente, que correspondem à forma básica ou plena, formada por duas sílabas com a última sílaba acentuada. Tomamos estas formas como básicas, e a partir delas listamos os aloformes pessoais encontrados em nosso corpus.

As formas pessoais parecem ocorrer em enunciados complexos, que envolvem mais de uma raiz nominal. A forma plena se justapõe a morfemas nominais que não apresentam modificações em seu padrão acentual. Exemplos:

[mi'a mi'vi 'ãni,pa?] 'tua mão é grande'
 /mia/ + /mivi/ + /'ãnipa/
 '2ªp.s.' 'mão' 'grande'

[e'a i'ças ki'ya?] 'minha perna é comprida'
 /ia/ + /riças/ + /kiya/
 '1ªp.s.' 'perna' 'comprida'

[no'ki ta?e? çus'çama?] 'nossos pés estão limpos'
 /nukí/ + /ta?i/ + /çusça/ + /-ma/
 '1ªp.p.' 'pé' 'sujo' 'Suf.Neg.'

5.1-2 — MORFEMA PESSOAL: ALOMORFES

A forma plena nos serve de parâmetro de comparação para as demais formas pessoais que fazem parte de nosso corpus. E ainda que seja grande o número de alocorantes pessoais recolhidos, um mesmo fenômeno parece lhes ser comum: a variação do padrão acentual dos morfemas envolvidos.

A combinação de morfemas pessoais e nominais em processo de aglutinação parece característica de enunciados simples, em que um morfema pessoal se une a apenas uma raiz nominal. A

composição por aglutinação implica a redução do número de sílabas da forma básica do morfema pessoal e modificação do padrão acentual do morfema nominal. É relativamente ampla a alomorfia pessoal em processo de aglutinação; reconhecemos, no entanto, dois tipos de alomorfes que chamaremos, provisoriamente, de alomorfes orais e nasais.

Os alomorfes pessoais nasais se compõem de sílabas átonas, e se associam a morfemas nominais que apresentam a tônica em sua primeira sílaba. Ainda que não possamos estipular com precisão a quais morfemas cada um dos alomorfes se associa, indicamos que, na maioria dos casos, os alomorfes nasais implicam a redução do número de sílabas da forma básica do morfema pessoal e sua manifestação nasal, conforme se vê nos exemplos:

1ª p.s.

[ãm'bapa [?]] ~ [ãm'papa [?]] /ia/ + /papa/ '1ª p.s.' 'pai'	'meu pai'
[ãn'dzatsa [?]] /ia/ + /tsatsa/ '1ª p.s.' 'peixe'	'meu peixe'
[ãŋ'kãnte [?]] /ia/ + /kãti/ '1ª p.s.' 'arco'	'meu arco'
[ẽ'aĩŋ] /ia/ + /aĩ/ '1ª p.s.' 'fêmea, esposa'	'minha esposa'
[ẽ'yua [?]] /ia/ + /yua/ '1ª p.s.' 'mãe'	'minha mãe'

2ª p.s.

[miĩm' bapa[?]] ~ [miĩm' bapa[?]] 'teu pai'
 /mia/ + /papa/
 '2ª p.s.' 'pai'

[miĩ'nõnde[?]] 'tua canoa'
 /mia/ + /nũti/
 '2ª p.s.' 'canoa'

[miĩn'da[?]e[?]] 'teu pé'
 /mia/ + /ta[?]i/
 '2ª p.s.' 'pé'

[miĩn'şobu[?]] 'tua casa'
 /mia/ + /şuvu/
 '2ª p.s.' 'casa'

[miĩg'kãnte[?]] 'teu arco'
 /mia/ + /kãti/
 '2ª p.s.' 'arco'

[miĩ'yua[?]] 'tua mãe'
 /mia/ + /yua/
 '2ª p.s.' 'mãe'

[ne'a miĩn'da[?]e[?]] 'essa roupa é tua'
 /nia/ + /mia/ + /ta[?]i/
 'essa' '2ª p.s.' 'roupa'

[ha'a miĩn'da[?]e[?]] 'aquela roupa é tua'
 /ʔaa/ + /mia/ + /ta[?]i/
 'aquela' '2ª p.s.' 'roupa'

1ª p.p.

[nokĩn'da[?]e[?]] 'nossos pés'
 /nukĩ/ + /ta[?]i/
 '1ª p.p.' 'pé'

[nokĩ' yua ⁷]	'nossa mãe'
/nukĩ/ + /yua/	
'1ªp.p.' 'mãe'	
[ne'a nokĩn'daře ⁷]	'essa roupa é nossa'
/nia/ + /nukĩ/ + /taři/	
'esta' '1ªp.p.' 'roupa'	
[ha'a nokĩn'daře]	'aquela roupa é nossa'
/ʔaa/ + /nukĩ/ + /taři/	
'aquela' '1ªp.p.' 'roupa'	
[nokĩn'šobu vi'na ⁷]	'nossa casa é nova'
/nukĩ/ + /šuvu/ + /vi'na/	
'1ªp.p.' 'casa' 'nova'	

Encontramos alomorfes orais referente às primeira e segunda pessoas do singular, quando associados a morfemas nominais iniciados por vogais nasais. Lançar a suposição de que a redução do número de sílabas da forma básica do morfema pessoal se deva à crase entre a vogal final do morfema pessoal e a vogal do morfema nominal nos parece prematuro, porque nossos dados são insuficientes e porque não conhecemos detalhadamente os processos de união morfemática do Katukína. Colocamos à guisa de curiosidade os dados encontrados:

[e'ãna ⁷]	'minha boca'
/ia/ + /ãna/	
'1ªp.s.' 'boca'	
[mi'ãna ⁷]	'tua boca'
/mia/ + /ãna/	
'2ªp.s.' 'boca'	
[mi'ãnano e'ãnano'õ]	'nossas bocas' (minha e tua)
/mia/ + /ãna/ + /-nu/ + /ia/ + /ãna/ + /-nu/ ⁽²⁾	
'2ªp.s.' 'boca' 'Morf. Acresc.'	'1ªp.s.' 'boca' 'Morf. Acresc.'

5.2 — NÍVEL SINTÁTICO

A inclusão deste item se deve à leitura dos artigos sobre línguas Páno⁽¹⁾. Resumiremos o artigo de Loos (1975) no sentido de elucidar os motivos da inclusão deste apêndice ao trabalho fonológico-segmental.

O problema de Loos consiste em explicar os diferentes sufixos de determinação de sujeito de verbos transitivos das diversas línguas Páno atuais. Trabalhando a partir do modelo da Fonologia Gerativa Padrão, seu objetivo é explicitar como as formas plenas (tomadas como formas básicas e originais) produzem as formas reduzidas encontradas nas línguas Páno estudadas. As formas reduzidas são bastante semelhantes, pois com partem a mesma história, já as formas plenas e seus usos sintá ticos se diferenciam de língua para língua.

Segundo ele, os morfemas nominais do Kapanáwa assumem formas plenas ou reduzidas de acordo com a função sintática na criação. Quando o substantivo funciona como objeto do verbo transitivo, na seqüência S — O — V; ou como sujeito de verbo intransitivo, na seqüência S — V, ele se manifesta pela forma reduzida. E se a forma plena é analisada como a forma reduzida seguida de um sufixo, que determina o sujeito do verbo transitivo, a marca de assinalação do sujeito apresenta vários alomorfes.

Nossa perspectiva neste capítulo não consiste nem em estabelecer regras fonológicas, nem em testar as regras propostas por Loos para o Katukína. Nosso propósito se resume em oferecer as informações de que dispomos, no sentido de apresentar exemplos de morfemas nominais e pessoais em diversos tipos de enunciado que possibilitem o paralelo entre as afirmações de Loos e sua eventual aplicação ao Katukína.

5.2-1 — MORFEMA PESSOAL SUJEITO DE FRASE NOMINAL

Para esta seção, selecionamos as três pessoas do singular e a primeira pessoa do plural. A forma básica para as primeiras pessoa do singular e plural e para a segunda do singular corresponde àquelas estipuladas anteriormente por nós (cf. 5.1-1). Introduzimos o morfema de terceira pessoa do singular cuja forma básica, arbitrariamente escolhida por nós, equivale à apresentada neste item.

Os morfemas pessoais sujeito de frase nominal parecem associar-se a morfemas nominais em processo de justaposição, conforme se vê nos exemplos:

1ª p.s.

[e'a řua'pa [?]]	'eu sou bom'
/ia/ + /řua'pa/	
'1ªp.s.' 'bom'	

[e'a ki'ya 'ěni,pa [?]]	'eu sou alto e grande'
/ia/ + /ki'ya/ + /'ěnipa/	
'1ªp.s.' 'alto' 'grande'	

2ª p.s.

[mi'a 'ěni,pa [?]]	'você é grande'
/mia/ + /'ěnipa/	
'2ªp.s.' 'grande'	

[mi'a čus'čá [?]]	'você está sujo'
/mia/ + /čus'ča/	
'2ªp.s.' 'sujo'	

3ª p.s.

[ha'a si'nia[?]] 'ele é velho'
 /ʔaa/ + /si'nia/
 '3ªp.s.' 'velho'

[ha'a 'ãni,pa[?]] 'ele é grande'
 /ʔaa/ + /'ãnipa/
 '3ªp.s.' 'grande'

1ª p.p.

[no'ki õp'zi[?]] 'nós estamos vermelhos'
 /nukɨ/ + /õsi/
 '1ªp.p.' 'vermelho'

[no'ki ki'ya 'ãni,pa[?]] 'nós somos altos e grandes'
 /nukɨ/ + /kiya/ + /'ãnipa/
 '1ªp.p.' 'alto' 'grande'

5.2-2 — MORFEMA NOMINAL SUJEITO DE FRASE NOMINAL

Não sabemos explicitar as razões dos diferentes tipos de construção oracional que envolvem os morfemas nominais sujeito de frase nominal. Apenas assinalamos que um número representativo de dados parecem demonstrar que as formas dos morfemas nominais que correspondem às formas reduzidas se justapõem a outras raízes nominais, como sujeito de frase nominal. Trazemos os exemplos:

[ta'ri mɨ'cas] 'a roupa está molhada'
 /ta'ri/ + /mɨ'cas/
 'roupa' 'molhada'

[ka'mã õp'zi?] 'a onça é vermelha'
 /kamã/ + /ũsi/
 'onça' 'vermelha'

[ne'a no'a našiva'ma?] 'este rio é estreito'
 /nia/ + /nua/ + /našiva/ + /-ma/
 'este' 'rio' 'largo' 'Suf.Neg.'

Registramos pelo menos um caso em que o morfema nominal sujeito se manifesta com sua vogal final átona nasalizada, quando se combina a outro morfema que apresenta a primeira sílaba acentuada. Não sabemos a razão deste tipo de construção, mas ela se assemelha à junção de morfema pessoal e nominal exposta anteriormente (cf. 5.1-2). Citamos esta combinação:

[tarã'dořo?] 'a lata é redonda'
 /tařa/ + /tuřu/
 'lata' 'redonda'

5.2-3 — MORFEMA PESSOAL SUJEITO DE VERBO INTRANSITIVO

Relacionamos alguns exemplos que trazem as formas pessoais que nós chamamos de básicas (cf. 5.1-1, 5.2-1) associadas a morfemas verbais em processo de justaposição. O morfema de terceira pessoa do singular se reduz a zero como sujeito de alguns verbos intransitivos. Incluímos os exemplos:

1ª p.s.

[e'a ri'řava,?e?] 'eu me cortei'
 /ia/ + /riřa/ + /-va?i/(3)
 '1ª p.s.' 'Verbo' 'Passado'

[e'a pa'kita,ʔeʔ] 'eu caio'
 /ia/ + /pa'kita/ + /-aʔi/
 '1ªp.s.' 'Verbo' 'Presente'

2ª p.s.

[me'a ri'řava,ʔeʔ] 'você se cortou'
 /mia/ + /ri'řa/ + /-vaʔi/(3)
 '2ªp.s.' 'Verbo' 'Passado'

[mi'a pa'kita,ʔeʔ] 'você cai'
 /mia/ + /pa'kita/ + /-aʔi/
 '2ªp.s.' 'Verbo' 'Presente'

3ª p.s.

[ha'a ni'ʔiça,ʔeʔ] 'ele caça'
 /ʔaa/ + /ni'ʔiça/ + /-aʔi/
 '3ªp.s.' 'Verbo' 'Presente'

[ha'a o'sa,ʔeʔ] 'ele está dormindo'
 /ʔaa/ + /usa/ + /-aʔi/
 '3ªp.s.' 'Verbo' 'Presente'

[pa'kitaʔeʔ] 'ele cai'
 ∅ + /pa'kita/ + /-aʔi/
 '3ªp.s.' 'Verbo' 'Presente'

['řãma o'sava,ʔeʔ] 'ele dormiu agora a pouco'
 ∅ + /řãma/ + /usa/ + /-vaʔi/
 '3ªp.s.' 'agora' 'Verbo' 'Passado'

1ª p.p.

[no'ki řiřa,vaʔeʔ] 'nós nos cortamos'
 /nuki/ + /řiřa/ + /-vaʔi/(3)
 '1ªp.p.' 'Verbo' 'Passado'

5.2-5 — MORFEMA PESSOAL SUJEITO DE VERBO TRANSITIVO

O morfema indicativo da transitividade do sujeito se atualiza por meio de dois alomorfes quando se trata de formas pessoais antepostas ao verbo.

A vogal final das formas plenas dos morfemas de primeira pessoa do singular e plural e segunda pessoa do singular se nasalizam em orações com verbo transitivo direto. À forma básica do morfema relativo à terceira pessoa do singular se acresce um sufixo que traz sua vogal final nasalizada.

Para as formas pessoais antepostas ao verbo, identificamos duas marcas de sujeito transitivo: nasalização da vogal final da forma básica do morfema pessoal; e acréscimo do sufixo /-tũ/ para a terceira pessoa do singular. Apresentamos os exemplos que correspondem à seqüência sintática padrão S — O — V:

1ª p.s.

[e'õ ku'nĩ ra'kita,ʔeʔ] 'eu tenho medo de poraquê'
 /ia/ + Nas. + /kunĩ/ + /ra'kita/ + /-aʔi/
 '1ªp.s.' 'Suj. 'poraquê' 'Verbo' 'Presente'
 Trans.'

[e'õ kĩp'ja ču'a,ʔeʔ] 'eu lavo prato'
 /ia/ + Nas. + /kĩča/ + /ču'a/ + /-aʔi/
 '1ªp.s.' 'Suj. 'prato' 'Verbo' 'Presente'
 Trans.'

[e'õ tsa'tsa ris'kia,ʔeʔ] 'eu sempre mato peixe'
 /ia/ + Nas. + /tsatsa/ + /riski/ + /-aʔi/
 '1ªp.s.' 'Suj. 'peixe' 'Verbo' 'Presente'
 Trans.'

[e'õ yõg'ga pi'a,ʔeʔ] 'eu como goiaba' (4)
 /ia/ + Nas. + /yũka/ + /pi/ + /-aʔi/
 '1ªp.s.' 'Suj. 'goiaba' 'Verbo' 'Presente'
 Trans.'

2ª p.s.

[mi'ã kĩp'ja ču'a,ʔeʔ] 'você lava prato'
 /mia/ + Nas. + /kĩča/ + /čua/ + /-aʔi/
 '2ªp.s.' 'Suj. 'prato' 'Verbo' 'Presente'
 Trans.'

3ª p.s.

[ha'atõ kĩp'ja ču'a,ʔeʔ] 'ela está lavando prato'
 /ʔaa/ + /-tũ/ + /kĩča/ + /čua/ + /-aʔi/
 '3ªp.s.' 'Suj. 'prato' 'Verbo' 'Presente'
 Trans.'

[ha'atõ ka'pĩ ris'kia,ʔeʔ] 'ele está matando o jacaré'
 /ʔaa/ + /-tũ/ + /kapĩ/ + /riski/ + /-aʔi/
 '3ªp.s.' 'Suj. 'jacaré' 'Verbo' 'Presente'
 Trans.'

[ha'atõ ru'no ris'kia,ʔeʔ] 'ele está matando a cobra'
 /ʔaa/ + /-tũ/ + /runu/ + /riski/ + /-aʔi/
 '3ªp.s.' 'Suj. 'cobra' 'Verbo' 'Presente'
 Trans.'

1ª p.p.

[no'kĩ kĩp'ja ču'a,ʔeʔ] 'nós lavamos prato'
 /nukĩ/ + Nas. + /kĩča/ + /čua/ + /-aʔi/
 '1ªp.p.' 'Suj. 'prato' 'Verbo' 'Presente'
 Trans.'

[no'kĩ ta'kařa i'mi pi'a,ʔeʔ] 'nós comemos sangue de galinha'
 /nukĩ/ + Nas. + /ta'kařa/ + /ʔimi/ + /pi/ + /-aʔi/
 '1ªp.p.' 'Suj. 'galinha' 'sangue' 'Verbo' 'Presente'
 Trans.'

Quando os morfemas pessoais equivalem a objeto da ação do verbo, a oralidade da forma básica se conserva. Isto equivale a dizer que as formas de primeira e terceira pessoas do singular sujeito de verbo intransitivo (cf. 5.2-3) corres-

[ʔru'no aw'a na'sava,ʔeʔ] 'a cobra mordeu a anta'
 /ʔrunu/ + /awa/ + /nasa/ + /-vaʔi/
 'cobra' 'anta' 'Verbo' 'Passado'

[hu'no na'mi pi'a,ʔeʔ] 'o caititu come carne'
 /ʔunu/ + /nami/ + /pi/ + /-aʔi/
 'caititu' 'carne' 'Verbo' 'Presente'

[a'pi na'mi a,kaʔ] 'Api come carne'
 /api/ + /nami/ + /aka/
 'Api' 'carne' 'Verbo'

Se, no entanto, a seqüência padrão S — O — V é passível de inversão, resta atentar-nos a fatores de ordem pragmática que possivelmente dêem conta da ambigüidade entre os elementos não-marcados das orações anteriores. Comparem-se estes exemplos a dados que trazem os mesmos morfemas nominais nasalizados:

[ʔru'no aw'a na'sava,ʔeʔ] 'a cobra mordeu a anta'

[ʔru'nõ ka'mã na'sava,ʔeʔ] 'a cobra mordeu o cachorro'

[hu'no na'mi pi'a,ʔeʔ] 'o caititu come carne'

[hu'nõ ka'pĩ a,kaʔ] 'o caititu matou o jacaré'

[a'pi na'mi a,kaʔ] 'Api come carne'

[a'pĩ ka'pĩ a,kaʔ] 'Api matou o jacaré'

5.2-6.2 — MORFEMA NOMINAL TERMINADO POR VOGAL NASAL: ACRÉSCIMO DE SUFIXO

Os morfemas nominais terminados por vogal nasal parecem receber um único sufixo /-na/ como marca da função de sujeito de verbo transitivo. Ainda que um questionário mais am-

plo possa indicar outros comportamentos para os morfemas nominais nasais, relacionamos nossos dados:

/kamã/ 'cachorro'

[ka'mãna řu'no na'sava,ʔeʔ] 'o cachorro mordeu a cobra'
 /kamã/ + /-na/ + /řunu/ + /naša/ + /-vaʔi/
 'cachorro' 'Suj. 'cobra' 'Verbo' 'Passado'
 Trans.'

[ka'mãna ka'pi řiskia,ʔiʔ] 'o cachorro está matando o jacaré'
 /kamã/ + /-na/ + /kapi/ + /řiski/ + /-aʔi/
 'cachorro' 'Suj. 'jacaré' 'Verbo' 'Presente'
 Trans.'

[ka'mãna nu'mava ki'naša,ʔiʔ] 'o cachorro está matando o juritizinho'
 /kamã/ + /-na/ + /numa/ + /-va/ + /ki'naša/ + /-aʔi/
 'cachorro' 'Suj. 'jurititi' 'Diminutivo' 'Verbo' 'Presente'
 Trans.'

[e'a kamãna na'sava,ʔeʔ] 'o cachorro me mordeu'
 /ia/ + /kamã/ + /-na/ + /naša/ + /-vaʔi/
 '1ª p.s.' 'cachorro' 'Suj. 'Verbo' 'Passado'
 Trans.'

/miki/ 'Miki'

[mi'kina tsya'so na'mi pi'va,ʔeʔ] 'Miki comeu carne de veado'
 /miki/ + /-na/ + /tsia'su/ + /nami/ + /pi/ + /-vaʔi/
 'Miki' 'Suj. 'veado' 'carne' 'Verbo' 'Passado'
 Trans.'

[mi'kina ka'pi a'pĩpaʔ] 'Miki matou o jacaré antes'
 /miki/ + /-na/ + /kapi/ + [a'pĩpaʔ]⁽⁷⁾
 'Miki' 'Suj. 'jacaré' 'Verbo + Tempo'
 Trans.'

Um morfema nominal terminado por vogal oral apresenta aspecto idêntico aos morfemas nasais em função de sujeito. Trata-se do nome 'Pawá', que tem a vogal final nasalizada e o acréscimo de sufixo.

[paw'õna i'sa tã'kũn,va'e?] 'Pawá matou o guandu com a
espingarda'(8)
 /pawa/ + Nas. + /-na/ + /isa/ + /tikũ/ + /-va'i/
 'Pawá' 'Suj. Trans.' 'guandu' 'Verbo' 'Passado'

Este exemplo se mostra como exceção ao esquema aqui apresentado, já que se trata de um morfema oral que se comporta à maneira do nasal. Isto nos obriga a listar cada elemento nominal em cada função sintática, e a concordar com Loos de que o caminho inverso (isto é, partir das formas plenas para explicar as formas curtas nominais) possibilita conclusões mais simplificadas. Esclarecemos, no entanto, que incluímos este exemplo com o único objetivo de oferecer amostras do comportamento de alguns morfemas nominais em Katukína.

5.2-6.3 — MORFEMA NOMINAL TERMINADO POR VOGAL ORAL:
ACRÉSCIMO DE SUFIXO

Alguns morfemas orais recebem sufixo /-pa/ quando sujeito de verbo transitivo na seqüência S — O — V, conforme demonstram os dados:

/awa/ 'anta'
 [aw'apa ru'no na'sava,?e?] 'a anta mordeu a cobra'
 /awa/ + /-pa/ + /runu/ + /na'sa/ + /-va'i/
 'anta' 'Suj. Trans.' 'cobra' 'Verbo' 'Passado'

[aw'apa hu'no a,ka?] 'a anta matou o caititu'
 /awa/ + /-pa/ + /'unu/ + /aka/
 'anta' 'Suj. Trans.' 'caititu' 'Verbo'

[aw'apa ka'mõ na'sava,?e?] 'a anta mordeu o cachorro'
 /awa/ + /-pa/ + /kamã/ + /na'sa/ + /-va'i/
 'anta' 'Suj. Trans.' 'cachorro' 'Verbo' 'Passado'

[aw'apã ka'pĩ na'sava,ʔeʔ] 'a anta mordeu o jacaré'
 /awa/ + /-pa/ + Nas. + /kapĩ/ + /naša/ + /-vaʔi/
 'anta' 'Suj. Trans.' 'jacaré' 'Verbo' 'Passado'

5.2-6.4 — MORFEMA NOMINAL TERMINADO POR CONSOANTE:
ACRÉSCIMO DE SUFIXO

Nossos dados não exploram muitas raízes nominais nas várias funções sintáticas, mas agregamos um único dado terminado por consoante em função de sujeito e objeto da ação do verbo. Este morfema terminado por fricativa retroflexa recebe o sufixo /-i/ como sujeito de verbo transitivo. Em posição de objeto, a forma reduzida parece manifestar-se antecedendo imediatamente o verbo. Exemplo:

/yawis̩/ 'tatu'

[yaw'is̩i no'ĩ pi'a,ʔeʔ] 'o tatu come minhoca'
 /yawis̩/ + /-i/ + /nuĩ/ + /pi/ + /-aʔi/
 'tatu' 'Suj. Trans.' 'minhoca' 'Verbo' 'Presente'

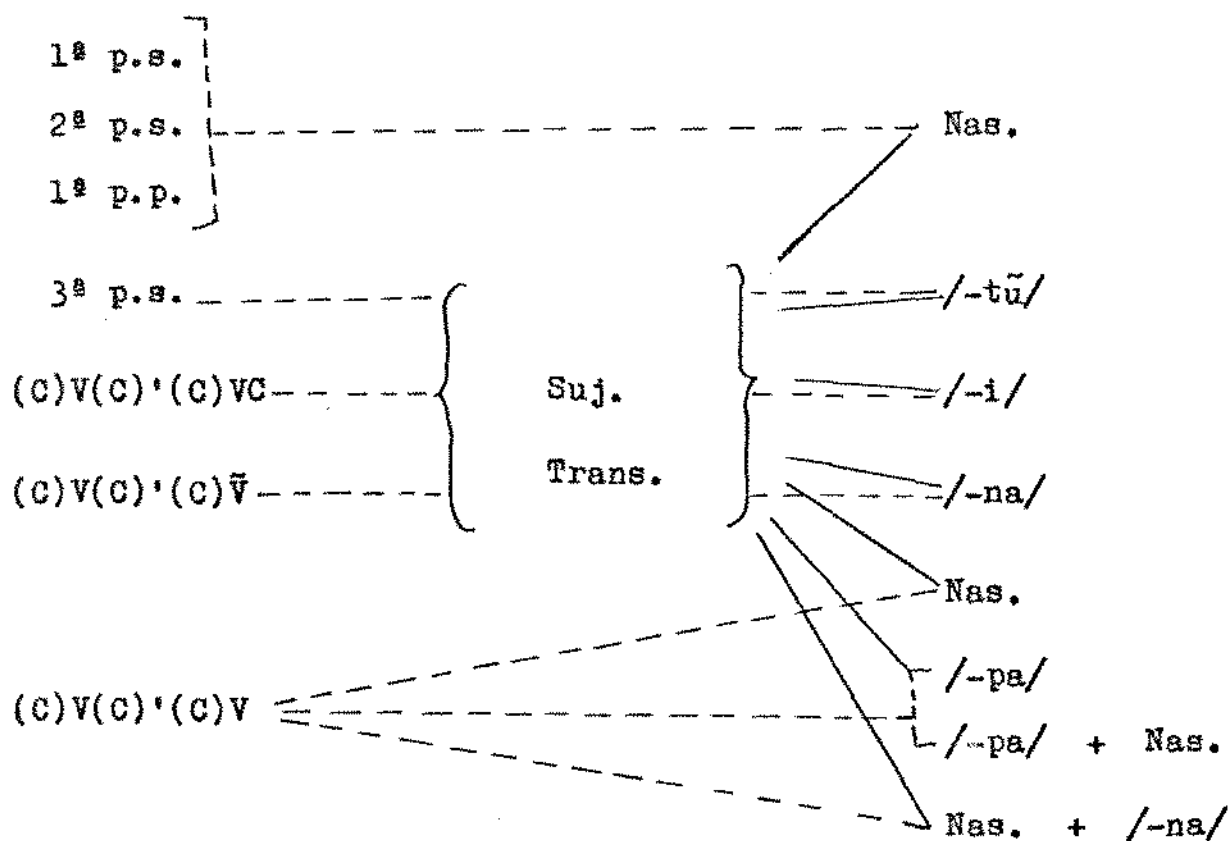
[yaw'is̩i i'vita,pũ kiyus'ka pi'a,ʔeʔ] 'o tatu come as raízes das árvores'
 /yawis̩/ + /-i/ + /livi/ + /tapũ/ + /kiyus'ka/ +
 'tatu' 'Suj. Trans.' 'árvore' 'raiz' 'todas'

+ /pi/ + /-aʔi/
 'Verbo' 'Presente'

[yãn'da karney'rĩno yaw'is̩ a,kaʔ] 'ontem Carneirinho pegou um tatu'
 /yãta/ + [karney'rĩno] + /yawis̩/ + /aka/ (10)
 'ontem' 'Carneirinho' 'tatu' 'Verbo'

5.2-6.5 — MORFEMA SUJEITO TRANSITIVO: RESUMO

Resumimos nossas observações num quadro que representa o morfema de sujeito transitivo, onde as linhas à direita indicam seus alomorfes. As linhas tracejadas partem dos morfemas pessoais e nominais à esquerda e apontam os alomorfes a que cada uma dessas classes de palavras se relacionam, à direita do quadro:



De acordo com este quadro, se lê que, em relação às formas pessoais, o morfema sujeito transitivo se manifesta pela nasalização da vogal final das primeira e segunda pessoas do singular e primeira do plural; e o sufixo /-tũ/ se acresce à forma básica de terceira pessoa do singular.

A transitividade do sujeito se manifesta pela vogal /-i/ quando a raiz nominal termina por consoante. E quanto aos morfemas nominais terminados em vogal nasalizada, um único alomorfe /-na/ parece determinar o sujeito transitivo.

Em relação às raízes lexicais terminadas por vogal oral, a alomorfia é ampla, e nos obriga a estabelecer classes de palavras que se unem a uma ou outra forma alomórfica. A transitividade do sujeito se manifesta pela nasalização da vogal final de uma classe de morfemas nominais. O acréscimo do sufixo /-pa/ e a nasalização da vogal final do sufixo são realizações do morfema de sujeito transitivo para outra classe determinada. Um único morfema nominal terminado por vogal oral apresenta a nasalização de sua vogal final e o acréscimo do sufixo /-na/ como manifestações da transitividade do sujeito.

Nossa pesquisa apenas começou a explorar o comportamento sintático de alguns morfemas, e esta análise requer continuidade. Uma pesquisa elaborada com este sentido se mostra como complementação necessária para as questões levantadas neste capítulo.

NOTAS DO CAPÍTULO V

—(1) Conhecemos três artigos de E. Loos sobre a nasalização vocálica: "Nasalization in Sharanahua" (artigo mimeografado), "Rasgos sintácticos y fonémicos en la historia lingüística de la familia Pano" (Loos: 1975), e "La señal de transitividad del sustantivo en los idiomas panos" (Loos: 1973).

O primeiro artigo trata de morfemas nominais em função de sujeito e objeto, e verbos no imperativo. O segundo artigo investiga o comportamento dos substantivos em função de sujeito e complemento direto de verbos transitivos e sujeito de verbos intransitivos em cinco línguas Páno: Kapanáwa, Txakôbo, Kaxináwa, Yamináwa, e Xipíbo. O mesmo tema é assunto do terceiro artigo, que estuda, sob um enfoque gerativo-transformacional (como os dois outros artigos), nove línguas Páno: quatro mencionadas no artigo anterior (exceção feita ao Yamináwa) e mais o Amawáka, Kaxíbo, Iskonáwa, Xaranáwa e Mayorúna.

—(2) Chamamos de 'morfema de acréscimo' aos afixos que se justapõem ao primeiro termo como [-no] e ao segundo como [-no⁷õ] para a tradução da expressão, neste caso, de 'a minha e a tua boca'.

—(3) Ainda que o verbo 'cortar' se empregue como verbo reflexivo nestes casos, sua inclusão junto a expressões com verbo intransitivo se deve ao fato de que, em Katukína, assim como em outras línguas Páno, a construção reflexiva é semelhante à intransitiva. Nas línguas Páno estudadas por Loos (1973: 162), se suprime o complemento direto do verbo reflexivo por sua identidade referencial com o sujeito.

O verbo reflexivo recebe um marcador de reflexividade que o distingue do verbo intransitivo em Kapanáwa. Mas como nosso tema focaliza os morfemas nominais e pessoais, não identificamos em Katukína a marca verbal da reflexividade, e incluímos as expressões com verbo reflexivo no mesmo rol das

construções intransitivas.

- (4) Devemos este dado a Maria Sueli Aguiar.
- (5) Como curiosidade, assinalamos que alguns morfemas nominais recebem a marca de sujeito transitivo pela nasalização vocálica em Kapanáwa, Xipíbo, e Mayorúna, de acordo com Loos (1973: 136 - 153 - 161-162).
- (6) A forma [-aka⁷] não se assemelha às demais formas verbais do Katukína, e frequentemente traduz 'matar', 'comer' e 'pegar bicho para comer' em diferentes tempos verbais. 'Caititu' e 'porco' se traduzem pela mesma expressão /⁷unu/.
- (7) A expressão [a'pĩpa⁷] parece traduzir 'matar antes'. No entanto, não somos capazes de detectar os morfemas que compõem esta expressão. Supomos que se vê o morfema /pi/, correspondente ao verbo 'comer'. Mas não sabemos decidir sobre o morfema verbal e a marca temporal desta expressão.
- (8) 'Espingarda' se traduz por /tikũ/, e se lhe acrescem sufixos temporais para a significação 'matar com espingarda'.
- (9) O Xaranáwa também apresenta dupla possibilidade de variação, e Loos atribui este fato a empréstimos dialetais devido ao estreito contato do Xaranáwa com outras línguas Páno. A possibilidade de variação se dá não só com as formas plenas mas também com as formas nominais reduzidas, de acordo com Loos (1973: 146-148).

É curioso notar que o sufixo /-pan/ caracteriza o sujeito transitivo em Xaranáwa, Kapanáwa e Yamináwa, segundo Loos (1973: 146-147; 1975: 181-184).
- (10) 'Carneirinho' corresponde a nome próprio em português.

CONCLUSÃO

Algumas opiniões contidas nesta dissertação merecem discussão mais ampla. Por essa razão, oferecemos agora explicações subsidiárias às conclusões de nossa análise.

Para a organização dos fonemas vocálicos orais e nasais, propomos um sistema triangular em que a vogal de abertura máxima se contrapõe às outras unidades vocálicas de abertura mínima. Em relação à posição da língua, os fonemas vocálicos se distinguem em: anterior, central e posterior. Por este motivo, determinamos um sistema triangular com três séries de localização e dois graus de abertura para os fonemas vocálicos orais e nasais. Apresentamos também dois sistemas assimétricos como propostas alternativas para a sistematização dos sons vocálicos orais (cf. p. 55-56).

O alto índice de freqüência das variáveis [i] e [o] e suas possibilidades combinatórias sugeriam que [o] representasse o fonema posterior, no primeiro sistema alternativo. Isto nos obrigava a dispor um grau de abertura intermediário na sistematização das vogais orais.

O segundo sistema alternativo se orientava de acordo com as manifestações alofônicas em velocidade mais lenta, em que [e] e [o] se apresentavam como forma dos fonemas anterior e posterior mais recorrentes. Surgia, outra vez, a necessidade de incluir um grau de abertura intermediária na sistematização das unidades vocálicas orais.

Os dois sistemas alternativos coincidiam em apontar [o] como variável mais freqüente do fonema posterior. Reconhecemos, no entanto, dois graus de abertura para a sistematização dos fonemas vocálicos orais por analogia à disposição das unidades vocálicas nasais. O sistema fonético nasal apresenta apenas dois graus de abertura, e as variáveis alofônicas [ĩ] do fonema anterior e [ũ] do posterior são mais freqüentes e oferecem possibilidades distribucionais mais amplas que

[ẽ] e [õ]. Essas são as razões pelas quais assumimos a de terminação de um sistema triangular com dois graus de abertura e três séries de localização para os fonemas vocálicos orais e nasais.

As semivogais recebem tratamentos diferentes, já que são tratadas como consoante, e em um caso específico — quando não há outro elemento consonantal em posição pré-vocálica na mesma sílaba — como vogal silábica. Este tratamento requer reformulação. Poderíamos tratar os ditongos como um único elemento fonológico. Esta determinação se conforma aos padrões silábicos do Katukína, mas aumenta o número de unidades fonológicas vocálicas. Seriam treze fonemas vocálicos orais (quatro fonemas orais e sete ditongos), e nove fonemas vocálicos nasais (quatro fonemas nasais e cinco ditongos).

A inclusão da fricativa retroflexa no primeiro grupo de fonemas consonantais merece discussão. Os fonemas do primeiro grupo se comportam igualmente, pois apresentam um alo fone sonoro em contexto nasal, e um surdo nos demais ambientes. A sonorização destes fonemas se faz, na maioria das vezes, em processo de assimilação progressiva, e citamos pelo menos dois casos em que a fricativa retroflexa se sonorizaria: em fim de sílaba final de palavra seguindo nasal (cf. p. 74); e em início de sílaba seguindo alomorfe nasal (cf. pp. 82-83). É difícil determinar com precisão a pronúncia do elemento fricativo em fim de sílaba; e fatores de velocidade influenciam a sonorização do elemento consonantal em começo de sílaba que segue na sal. Por essa razão, acreditamos que o fato de não havermos encontrado a variante sonora da fricativa retroflexa não desaconselha sua inclusão neste primeiro grupo de fonemas. Nós preferimos incluir a fricativa retroflexa neste grupo porque ela faz parte de início e fim de sílaba, assim como os fonemas fricativos /s/ e /s̺/, ainda que julguemos aconselhável uma análise experimental mais cuidadosa sobre o assunto.

Apesar de nossa análise se restringir à fonologia segmental do Katukína, os problemas morfológicos e sintáticos levantados no último capítulo, conquanto necessitem de uma investigação mais detalhada, sugerem que é possível estabelecer comparações entre o comportamento formal de morfemas nominais em Katukína e nas línguas Páno estudadas por Loos. As formas

reduzidas parecem funcionar como sujeito de frase nominal; sujeito de verbo intransitivo na seqüência S — V; e objeto de verbo transitivo na seqüência S — O — V. O Katukína apresenta também formas plenas (que equivalem à forma reduzida acrescida de um sufixo) em função de sujeito de verbo transitivo direto nas estruturas S — O — V e O — S — V (cf. 5.2-5; 5.2-6). A nasalização vocálica, por sua vez, participa como um dos índices de determinação do sujeito em frases em que pode haver ambigüidade entre sujeito e objeto. Por isso, o sujeito transitivo aparece como elemento marcado, nas orações do Katukíína que envolvem morfemas nominais e pessoais.

BIBLIOGRAFIA DAS OBRAS CITADAS

- ABREU, João Capistrano de — Rã-txa hu-ni-ku-ĩ — Grammatica, textos e vocabulario Caxinauás . Typographia Leuzinger, Rio de Janeiro, 1914.
- D'ANS, André-Marcel — Materiales para el estudio del grupo lingüístico Pano . Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 1970.
- _____ e EYDEN, Els van den — Léxico Amahuaca (Pano) . Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Documento de Trabajo nº 6, Lima, 1972.
- HEALEY, Alan — Language Learner's field guide . Summer Institute of Linguistics, Papua, 1975.
- LOOS, Betty Hall de — "Katukína", Materiales para estudios fonológicos . Instituto Lingüístico de Verano, Documento de Trabajo nº 9, tomo I, Yarinacocha, Pucallpa - Peru, 1976, pp. 92-94.
- LOOS, Eugene — "Rasgos sintácticos-fonémicos en la historia lingüística de la familia Pano", Actas y Memoria del XXXIX Congreso de Americanistas . Instituto de Estudios Peruanos, vol.5, Lima, 1975, pp. 181-184. (trabalhos apresentados no XXXIX Congreso de Americanista , de 2 a 9/ago/1970, sobre "Lingüística e indigenismo en América").
- _____ — "La señal de transitividad del sustantivo en los idiomas panos", Estudios Panos I . Instituto Lingüístico de Verano, Serie Lingüística Peruana nº 10, Yarinacocha, Peru, 1973, pp. 133-184.
- MAIA, Eleonora Motta — No reino da fala: a linguagem e seus sons . Editora Ática, São Paulo, 1985.

- MELATTI, Júlio Cezar — Índios do Brasil . HUCITEC/INL, MEC, São Paulo, 1981.

- _____ (coord. e red.) — Povos indígenas do Brasil, Javari . CEDI, vol.5, São Paulo, 1981.

- MONTAGNER MELATTI, Delvair e MELATTI, Júlio Cezar — Relatório sobre os índios Marúbo . UnB, Série Antropologia Social: 13, Brasília, 1975.

- RIBEIRO, Darcy — Os índios e a civilização . Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1982.

- RIVET, Paul — "Les katukina - étude linguistique", Journal de la Societé des Americanistes de Paris . Nouv. Série, t. XII, 1920, pp. 83-89.

- RODRIGUES, Aryon D. — "Famílias menores ao sul do Amazonas", Porantim . Jan-Fev. 1984, p. 15.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ABERCROMBIE, David — Elements of general phonetics .
Edinburgh University Press, Edinburg, 1967.
- CAGLIARI, Luís Carlos — Elementos de fonética do português brasileiro . Tese de Livre Docência, IEL-UNICAMP, Campinas, 1981.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso — Para o estudo da fonêmica portuguesa . Ed. da "Organização Simões", Coleção Rex, Rio de Janeiro, 1953.
- _____ (1970) — Estrutura da língua portuguesa .
Editora Vozes, Petrópolis, 1972, 3ª ed.
- CHOMSKY, Noam e HALLE, Morris — Principes de phonologie générative . Éditions du Seuil, Collections "Travaux Linguistiques", 1973. Tradução de Pierre Encrevé.
- CUNHA, Péricles — Análise fonêmica preliminar da língua Guajá . Tese de Mestrado, IEL-UNICAMP, Campinas, 1987.
- D'ANS, André-Marcel — Léxico Yamináwa (Pano) . Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Plan de Fomento Lingüístico, Documento de Trabajo nº1, Lima, jan. 1972.
- _____ — Repertorio etno-botánico y etno-zoológico Amahuaca (Pano) . Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Centro de Investigación de Lingüística Aplicada, Documento de Trabajo nº3, Lima, jun. 1972.
- FIELDS, Harriet e MERRIFIELD, William — "Mayoruna (Panoan) Kinship" . University of Texas at Arlington, Summer Institute of Linguistics, artigo mimeografado.

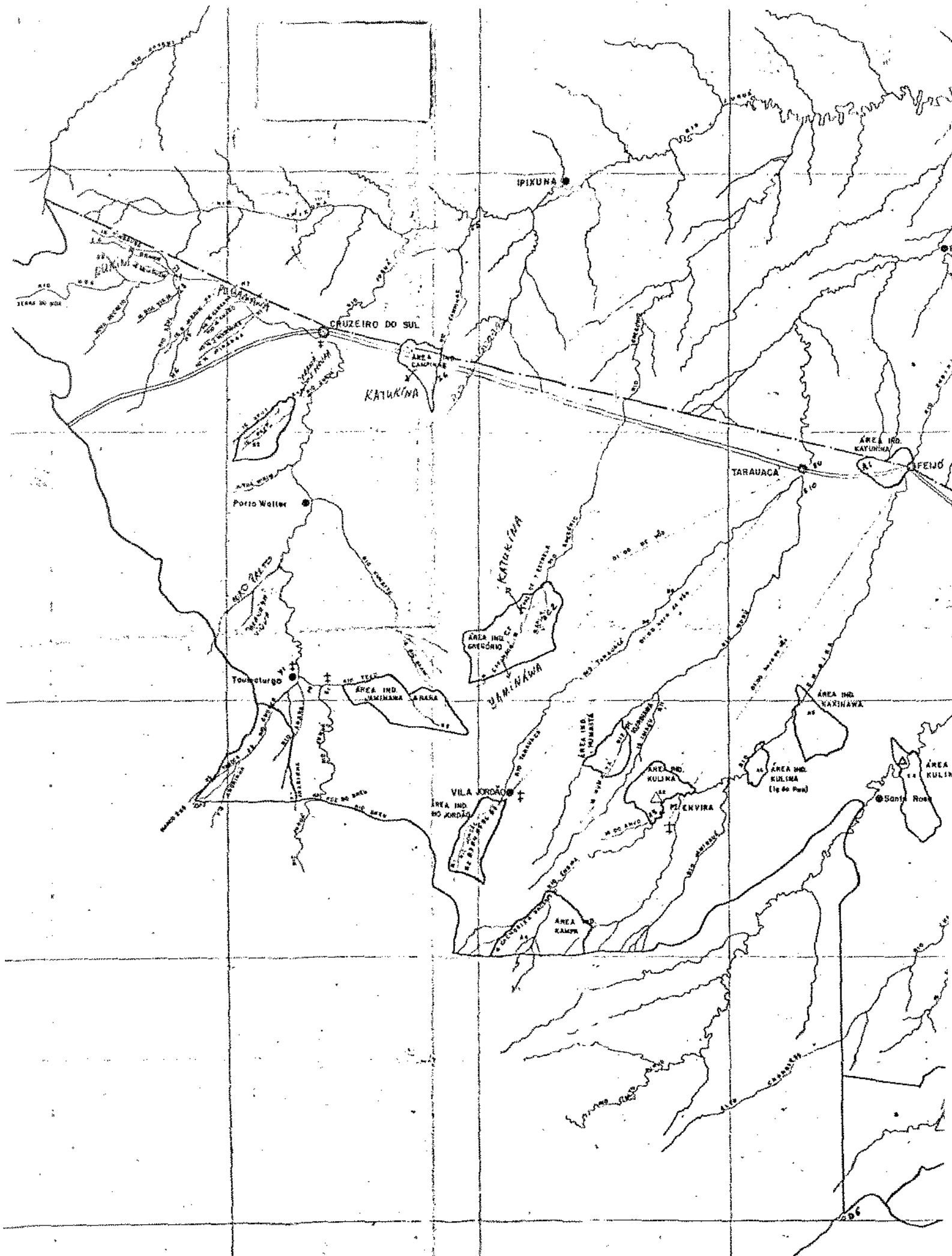
- GILI GAYA, Samuel — Elementos de fonética general . Editorial Gredos, Madrid, 1975, 5ª ed.
- HYDE, Sylvia — Diccionario Amahuaca . Instituto Lingüístico de Verano, Serie Lingüística Peruana, Yarinacocha - Peru, 1980. (em colaboração com Robert Russell, Delores Russell, María Consuelo de Rivera).
- HYMAN, Larry M. — Phonology: Theory and analysis . Holt, Rinehart and Wiston, New York, 1957.
- ISTRE, Giles Lothar — Fonología transformacional e natural . Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1980.
- KENSINGER, Kenneth M. — "The phonological hierarch of Cashinahua (Pano)", Studies in Peruvian Indian Languages: I . University of Oklahoma, Summer Institute of Linguistics, México, 1963, pp. 207-217.
- KINDELL, Gloria Elaine — Guia de análise fonológica . Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977.
- LADEFOGED, Peter — A course in phonetics . Harcourt Brace Jovanovich Inc., New York, 1975.
- _____ — Preliminaires to linguistics phonetics . University of Chicago Press, Chicago, 1971.
- LOOS, Eugene — The phonology of Capanahua and its grammatical basis . Summer Institute of Linguistics, México, 1969.
- _____ — "La construcción del reflexivo en los idiomas panos", "Algunas implicaciones de la reconstrucción de un fragmento de la gramática del proto-pano", Estudios Panos II . Instituto Lingüístico de Verano, Serie Lingüística Peruana nº 11, Yarinacocha, Peru, pp. 161-282.
- LORIOT, James e HOLLENBACH, Barbara — "Shipibo paragraph structure" . Summer Institute of Linguistics, Dallas, artigo mimeografado.

- PIKE, Kenneth — Phonemics: a technique for reducing languages to writing . The University of Michigan Press, Ann Arbor, 1947.

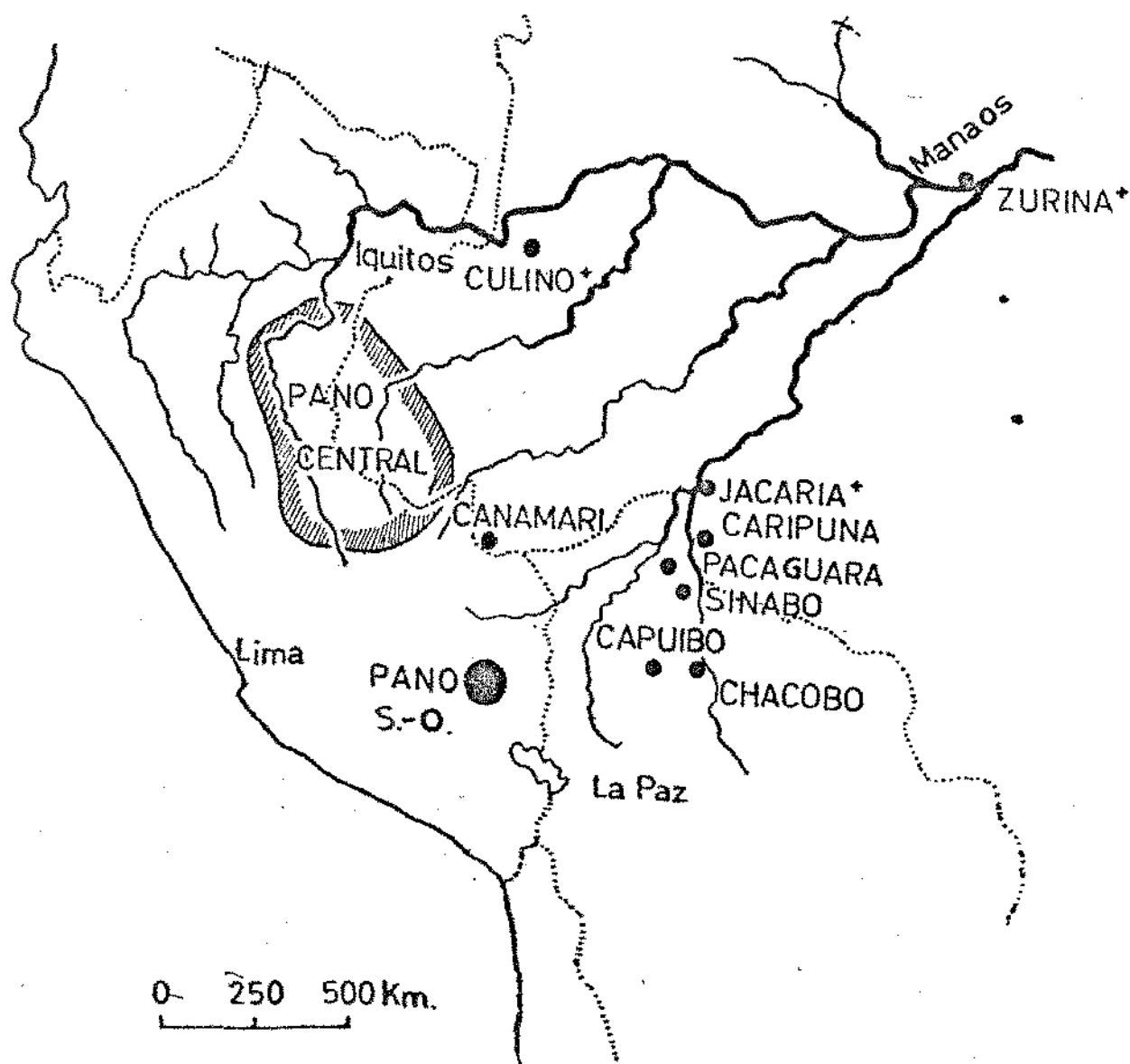
- ROBINSON, Lila M. Wistrand de — "Notas etnográficas sobre los cashibo". Centro Amazónico de Lenguas Autóctonas Peruanas "Hugo Pesce", Separata de Folklore Americano nº 23, Yarinacocha, Pucallpa-Peru, 1977.

- SILVA, Marcio Ferreira da — A fonologia segmental Kamayurá . Tese de Mestrado, IEL-UNICAMP, Campinas, 1981.

- TROUBETZKOY, Nicolas Sergueevitch (1939) — Principes de phonologie . Éditions Klincksieck, Paris, 1970. Tradução J. Cantineau.



ANEXO I — MAPA I — ALDEIAS KATUKINA DO ESTADO DO ACRE
 MAPA DA PARTE ORIENTAL DO ACRE
 FUNAI — 1982



Mapa establecido según los datos geográficos mencionados por Norman A. Mc Quown

ANEXO II — MAPA II — FAMILIA LINGÜÍSTICA PÁNO
Extraído do livro de d'Ans (1970:12)